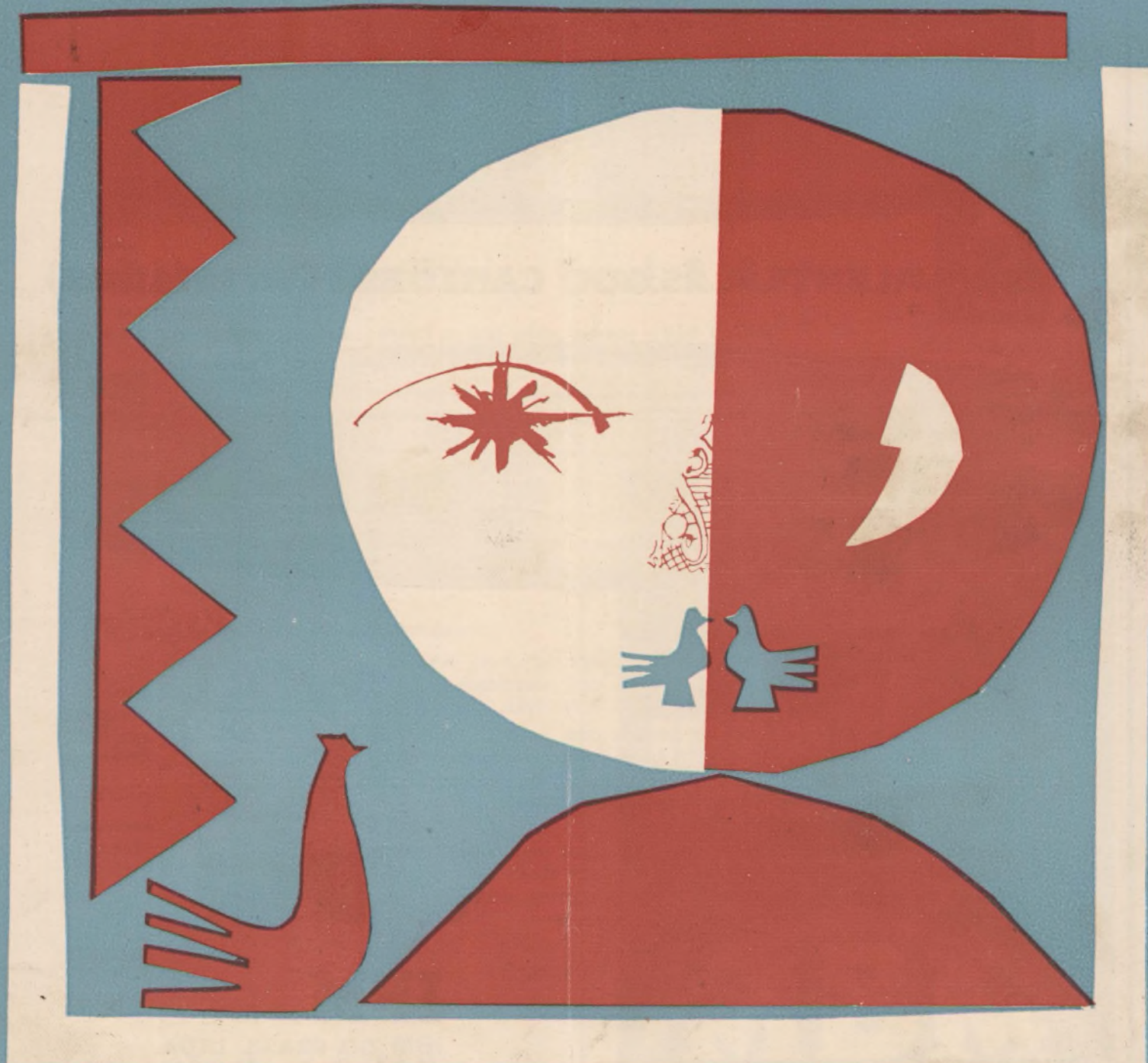


ANO V - JANEIRO 1964

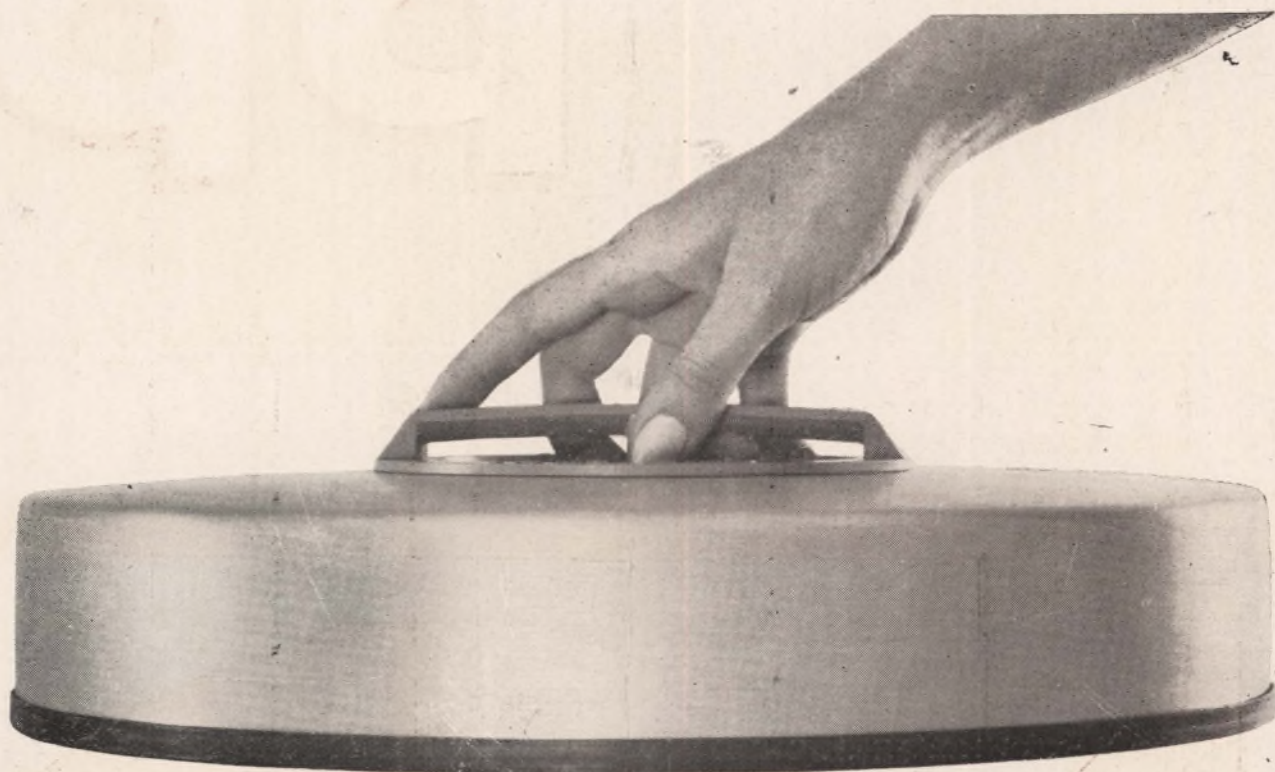
N.º 37

1
pp

przegląd polski



revista polonêsa



EQUIVALENTE A 25.000 CARTÕES PERFURADOS



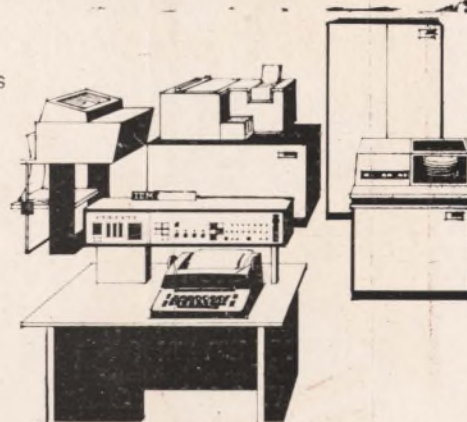
Isto é uma memória removível de discos.

Tem o volume de uma pequena pilha de discos de vitrola, mas é equivalente a 25.000 cartões perfurados, com capacidade de armazenar até 2.980.000 caracteres de informação.

A memória removível de discos foi lançada com o NÓVO IBM 1440, um computador de baixo custo, ao alcance das indústrias de pequeno porte... Realiza a mesma tarefa básica dos grandes computadores e dá respostas administrativas em questão de segundos.

Pesando menos de cinco quilos e contendo, cada uma, seis discos magnéticos, as memórias do NÓVO IBM 1440 são intercambiáveis e podem ser trocadas facilmente, em apenas 50 segundos. Isto significa armazenamento ilimitado de informações.

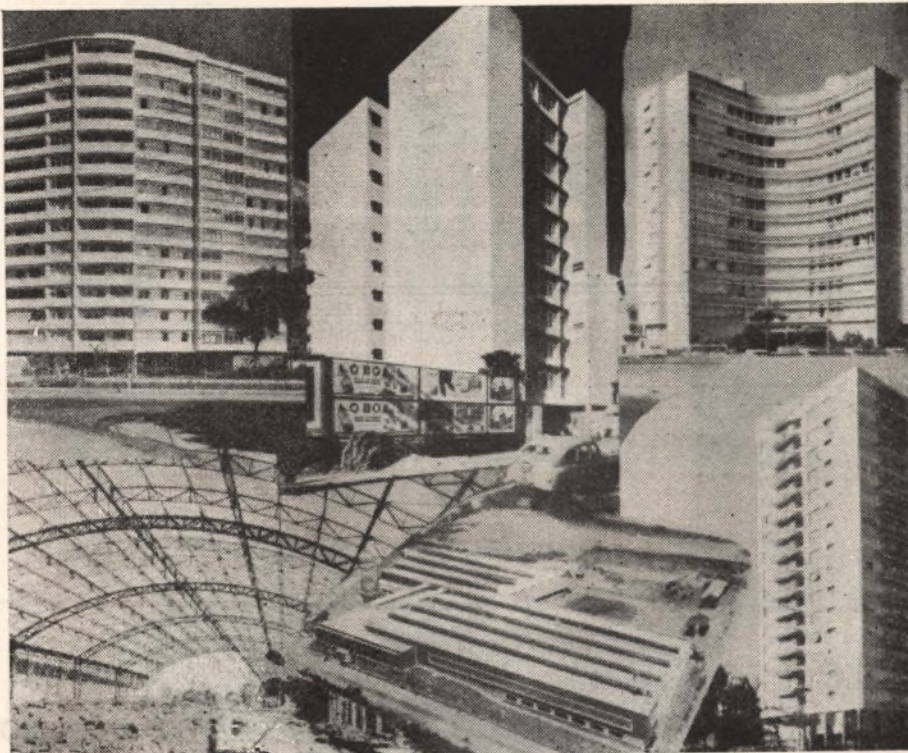
Será o NÓVO IBM 1440 o seu primeiro computador? É muito provável que sim.



IBM 1440
IBM DO BRASIL LTDA.

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 80 - 6.º and. - Tel. 23-8566
SÃO PAULO: Avenida São Luiz, 86 - Telefone 32-5167

FILIAIS: Belém - Belo Horizonte - Brasília - Curitiba - Fortaleza - Niterói - Porto Alegre - Recife - Salvador - Santos



Organização completa de
construções e projetos
de edifícios
industriais,
residenciais
e obras de
engenharia

12 ANOS DE
TRADIÇÃO

Construtora e Imobiliária Tresel S. A.

AVENIDA S. JOAO, 1086 - 4.º And. - FONE 36-7186 (rêde interna) - SÃO PAULO



"INTRA FERRO"

Indústria de Trefilação de Ferro Ltda.

Trefilação de metais não ferrosos:

Alumínio

Alpaca

Cobre

Latão

Av. Celso Garcia 1.338

fores: 93-1471

São Paulo



INDUSTRIA DE ABRASIVOS S.A.

Rua Fernandes Vieira, 174 - Belém - Fones: 92-2764 e 93-9700

Elektryczne instalacje przemysłowe
niskiego i wysokiego napięcia

E L O B R A

OBRAS ELÉTRICAS LTDA.

Brigadeiro Tobias 356 — 10.º Conj. 103 — Tel.: 34-0806

SÃO PAULO

Paczki i pieniądze

DO POLSKI I ZWIĄZKU SOWIECKIEGO

P. K. O. — Warszawa

Tazab — London

Z a s t ę p s t w o:

Empresa — J. RAJIC LTDA.

Praça da Sé, 399 — 4.º

Telefon: — 33-4983 i 36-8530

SÃO PAULO — BRASIL

Embeleze seu Lar

E VALORIZE SEU TV TORNANDO-O

MODERNO, FUNCIONAL E AGRADÁVEL

Mesas ELEM para TV

PROCURE NAS LOJAS ESPECIALIZADAS

WEEK-ENDY I WAKACJE

RANCHO BOA ESPERANÇA, SÃO JOÃO NOVO

1.000 m. n.p. morza, źródła wody mineralnej, uroczne spacery,
konie pod wierzch, owoce.

Apartamenty z wodą bieżącą i światłem elektrycznym, kuch-
nia polska. — CENY UMIARKOWANE.

Odległość od São Paulo — koleją 1 i ½ godz. Estr. Soroca-
bana lub drogą kołową via Estr. Raposo Tavares do Mayla-
skiski, a stamtąd 7 km. do S. João Novo.

Informacje telefonicznie: tel.: 35-5584 lub

Caixa Postal, 6335, São Paulo.

Tel.: SÃO JOÃO NOVO N.º 9



KUBKI PAPIEROWE

do 1 ltr pojemności

BUTELKI PAPIEROWE

(Container's)

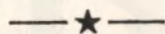
Talerzyki i kubki papierowe

Na uroczystości, pikniki, etc. (Fantasia)

Opakowania specjalne dla super-mercados, fabryk konserw, etc.

INDÚSTRIA INAJA

Artefatos, Copos, Embalagens de Papel S.A.



Fábrica: Rua Clelia, 1642 — Fone: 62-8631 — SÃO PAULO

End. Telegr.: "COPINDUS"

JEDNODNIÓWKA

California News

Niezależne pismo miesięczne. Ciekawe arty-
kuły i wiadomości ze Stanów Zjednoczonych,
głównie z Kalifornii i Arizony.

Prenumerując "Jednodniówkę" nie
płacisz w dolarach. Wystarczy, że
przyślesz używane znaczki pocztowe
z Południowej i Centralnej Ameryki.

Zamówienia należy kierować pod adresem:

B. A. Zaremba, 6481 E. Florence ave
BELL GARDENS, Cal. U. S. A.

CONSTRUÇÕES MECANICAS

ROZENOWICZ LTDA.

Transportadores

Alimentadores

Elevadores

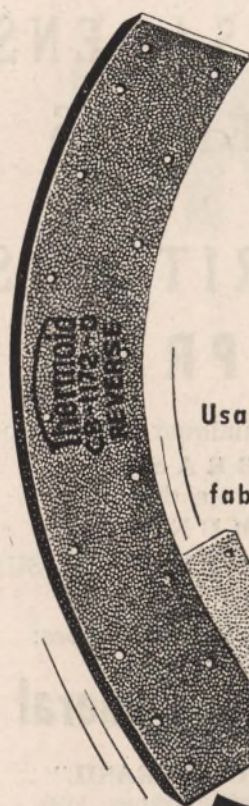
Peneiras

Moinhos de martelos

Estruturas metálicas

Rua da Balsa, 10 PIQUERI

Cx. Postal, 11.912 — SÃO PAULO



Lona de Freios



- para qualquer carro!

Usada como equipamento original pelos maiores fabricantes de automóveis e caminhões dos EE. UU.



- Brecadas mais rápidas
- Temperatura sempre baixa
- Duração mais longa
- Paradas mais suaves

Produzido no Brasil sob licença exclusiva e supervisão da THERMOID COMPANY, TRENTON N.J. U.S.A. por

PLÁSTICOS DO BRASIL S. A.

Avenida "F" (Travessa da Av. Tomaz Edison, 1251 - Barra Funda) — Fones 34-7413 - 35-9618 e 35-6726 — Cx. Postal 16327 (Casa Verde — SÃO PAULO.

Publitem 63-14

À VENDA EM TODO O BRASIL NAS MELHORES CASAS DO RAMO

KORZYSTAJCIE Z USŁUG

Companhia para Expansão da Construção

"COEXCO"

COEXCO inkorporuje nowoczesne i komfortowe domy mieszkalne. W domach COEXCO rozmieszczenie mieszkań, ich wykończenie i estetyka pozostają na najwyższym poziomie.

Pięć zasad COEXCO:

niezawodny termin
stała, niezmienna cena
własne tereny
staranne wykończenie
sprzedaż na raty

COMPANHIA PARA EXPANSÃO DA CONSTRUÇÃO "COEXCO"

São Paulo, r. São Bento, 279 — 12 piętro. Tel. 33-4737

Caldeiraria e Mecânica INOX Ltda.

ESPECIALIZADOS EM AÇO INOXIDÁVEL
— COBRE — ALUMÍNIO — FERRO —



RESERVATÓRIOS
AUTOCLAVES
CALDEIRAS
TANQUES
TACHOS



EQUIPAMENTO P/INDÚSTRIAS

- ★ Química - Farmacêutica
- ★ Gorduras - Sabões
- ★ Perfumarias - Cosméticos
- ★ Têxtil - Tinturarias
- ★ Papel - Papelão
- ★ Conservas - Chocolates
- ★ Carnes - Frigoríficos
- ★ Laticínios - Pasteurizados
- ★ Bebidas - Distilarias
- ★ Plásticos - Borracha
- ★ Tratamento de água

ESCRITÓRIO E FÁBRICA:
Rua Oliveira Lima, 455
C a m b u c i

Fone: 35-4995
SÃO PAULO

Indústria Metalúrgica STELLA LTDA.

TUBOS "ELETRODUTOS"

TUBOS TREFILADOS

TUBOS PARA QUALQUER FIM INDUSTRIAL

Escritório: — Rua Conselheiro Crispiniano

N.º 53 — 9.º andar — conj. 93

Telefones: — 35-9189 e 35-9180

SÃO PAULO

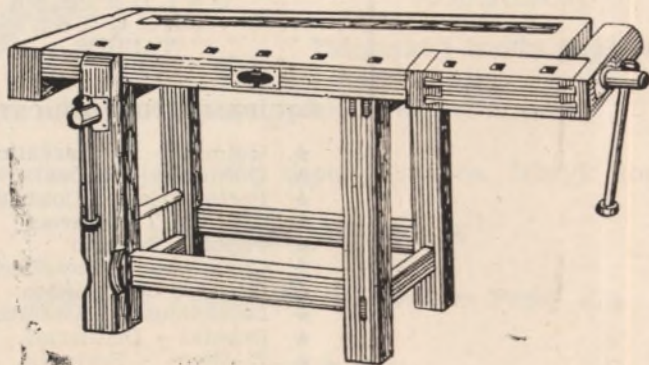
Fábrica — Via Monteiro Lobato, 3097

Guarulhos

INDÚSTRIA DE MADEIRAS



RUA SOUZA LIMA, 200 — TEL.: 52-3942, — SÃO PAULO



Fabrykuje solidne warsztaty dla stolarzy, modelarzy i amatorów jak również dla ślusarzy, jubilerów i t. p. Posiadamy duży zapas warsztatów gotowych.

PASSAGENS AÉREAS O U MARÍTIMAS A PRAZO

Para qualquer parte do
BRASIL
e do
MUNDO
PELA COMPANHIA DE SUA
PREFERÊNCIA.
Vendas e Informações:

Agência Geral

"TOUR-BRASIL"
Avenida Ipiranga, 1129
Telefones:

37-8671
36-5402
36-1740

**PREPARAMOS A
DOCUMENTAÇÃO.**

Tipografia ALADA LTDA.

Rua Vitória, 237 Tel.: 35-2994

SÃO PAULO

Druki handlowe wszelkiego
rodzaju

Zaproszenia na śluby

Karty wizytowe

Stemple

**WYKONANIE SOLIDNE
I TERMINOWE**

IMPORT:

BLANKET I ASTRALON

Paulo Maroko

Rua Silvia, 243

SÃO PAULO



TRANSPORTES RODOVIÁRIOS PARA:

São Paulo
Salvador
Recife

Av. Guilherme Cotching, 776

Fone: 93-7910 — SÃO PAULO.

SPIG

Sociedade Paulista
de Instalações Gerais Ltda.

PROJETOS
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS
ELETRICIDADE
MECÂNICA
HIDRÁULICA
AV. DUQUE DE CAXIAS, 94
FONE: 52-1105 - (Rêde Interna)

End. Telegr.: "SPIGERAL"

São Paulo

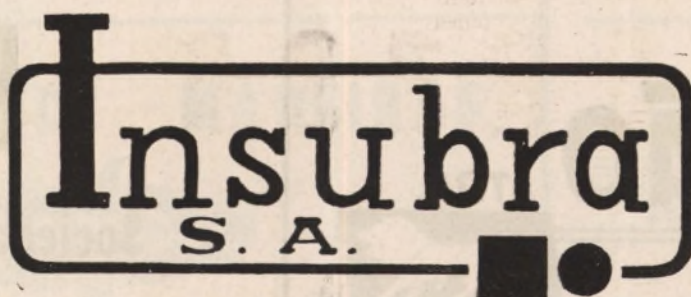
RESIL S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

RUA MARTIM BURCHARD 254

FONES: 93-5050 — 92-2498

**CARCASSAS DE MOLAS DE AÇO
PARA VEÍCULOS MOTORIZADOS**



A MAIS COMPLETA LINHA DE TODAS AS MÁQUINAS PARA SEU ESCRITÓRIO

Distribuidores exclusivos no Brasil das seguintes marcas:

- ADLER — máquinas de escrever e de contabilidade
- EVEREST — máquinas de escrever e somar, de calcular e de contabilidade
- ROTO-CENTO-PRINTO — duplicadores e mimeógrafos a álcool, tinta e processos heliográficos
- CITOGRAPH — equipamentos de endereçar e organização
- ORMIG — máquinas de racionalização e organização de trabalho
- DIEHL — máquinas de calcular superautomáticas
- POSTALIA — máquinas para franquiar correspondência e selos fiscais.

São Paulo: — rua Vitória, 302/4, fone: 37-3171

Rio de Janeiro: — Av. Rio Branco, 138, 14.º, fone: 22-6663 e 22-9880

Pôrto Alegre: — Praça Rui Barbosa, 220 Ed. Tannhauser 2.º, fone: 8323

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS NAS OUTRAS CAPITAIS DO PAÍS.

FORMICA

MARCA. REG.

DISTRIBUIDORES DE LAMINADOS PLÁSTICOS

DELACO COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

TELEFONES:
32-1022 — 34-1246

LOJA E EXPOSIÇÃO:
rua Consolação, 825
São Paulo

FABRASA S/A

FÁBRICA BRASILEIRA DE LÂMINAS

SÃO PAULO

Avenida Francisco Matarazzo, 718

FONE: 62-0673

FABRICANTES EXCLUSIVOS DAS AFAMADAS LAMINAS DE BARBEAR JOHNSON & JOHNSON

ESQUADRIAS SANTA CRUZ S. A.

Fábrica em Canoinhas – Santa Catarina

VENDAS EXCLUSIVAS

Parquet Fluminense Ltda.



SÃO PAULO

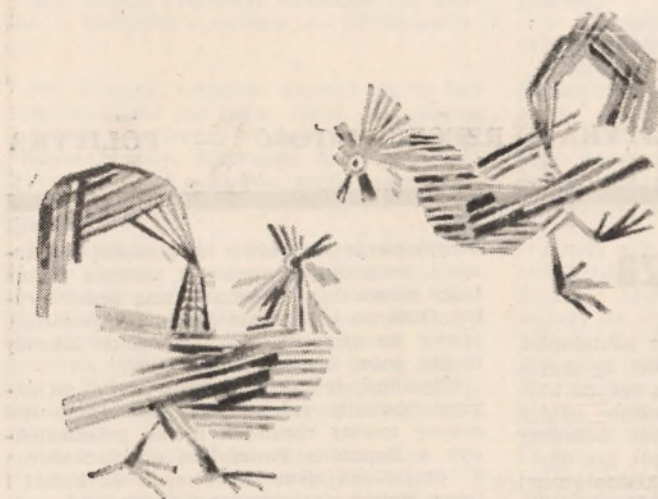
**AV. HIGIENÓPOLIS, 101 APT. 1
TEL.: 52-6091**

RIO DE DE JANEIRO

**RUA DO CARMO, 27 GRUPO 607
TELEFONES: 52-0712 E
42-9892**

SALVADOR – BAHIA

**PEDRO R. BANDEIRA, 9 - S / 36
TELEFONE: 2296**



REDADORES RESPONSÁVEIS: Casimiro Kinskowski e Sigismundo Schlegel.

REDATOR CHEFE: Seweryn A. Hartman

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Sergio Elia.

REPÓRTER: José Fassina

REVISOR: Adelio Buono

EDITADA: pela Editora Team Ltda.

Redação e Administração: Av. Ipiranga, 1071 - 8.º - S/811/12 Cx. Postal 4530 - Fone: 35-5432 — São Paulo — Brasil.

Assinaturas: Cr\$ 1.200,00 anuais (12 números). Para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul Cr\$ 800,00.

Para o exterior: US \$ 3,00. Número avulso Cr\$ 100,00.

Composto e impresso na "GRÁFICA VICENTINA LTDA." — Alameda Cabral, 846 — Curitiba — Paraná

PIĄTY ROK

Wydaniem niniejszego numeru "Przegląd Polski" rozpoczyna piąty rok swojego istnienia.

Cztery ubiegłe lata, stanowiły dla nas walkę nie tylko o rozwinięcie pisma, ale — przede wszystkim — o jego utrzymanie.

Były takie miesiące, podczas których zdawało się, że będziemy zmuszeni zawiesić wydawnictwo. W tych smutnych chwilach, zawsze znaleźli się ludzie dobrej woli, którzy przychodzili z pomocą. Dzięki nim nie zamilkło słowo polskie wypowiadane z tych stron.

Ku tym ludziom, — w dniu naszego skromnego jubileuszu, — kieruje się uczucie naszej — wdzięczności.

Rozpoczynając — wraz z Nowym Rokiem — dalszy etap pracy pragniemy się podzielić z Czytelnikami, kilkoma myślami. Nie wszystkie są — wesołe. Wypowiadając je jesteśmy szczerzy.

Niestety, zmuszeni jesteśmy rozpocząć od spraw "kuchennych", poruszanych zazwyczaj w barze lub na rogu ulicy.

Chodzi tu o bezmyślne plotki, szerzone przez pewnych ludzi w imię tylko wiadomym celu.

Pomimo wyjaśnienia, — zamieszczonego w jednym z pierwszych numerów naszego pisma — mówiącego o jego całkowitej niezależności, znajdują się tacy, którzy z uporem rozpowszechniają kłamstwo że "Przegląd Polski" z São Paulo, jest subsydiowany przez obce czynniki.

Ostatnio np. zdarzył się wypadek, że jeden z naszych przyjaciół zachęcający do przedpłaty na książkę H. Przyborskiego, usłyszał w odpowiedzi: "Książki, której autor współpracuje z pismem utrzymywanym za obce pieniądze, — nie kupię". Podobną replikę usłyszał inny nasz znajomy gdy namawiał do zaprenumerowania pisma.

Plotki i oszczerstwa można ostatecznie pominąć milczeniem kiedy dotyczą osób lub instytucji prywatnych. Reakcja na nie jest sprawą osobistą atakowanych. Inna sprawa, jeśli godzą one, w placówkę kulturalną o charakterze społecznym. W takim wypadku, odpowiedź jest konieczna. Oto ona:

1) "Przegląd Polski" jest pismem całkowicie niezależnym.

2) "Przegląd Polski" nigdy nie otrzymywał w przeszłości i nie otrzymuje obecnie żadnych subsydiów tak od przed-

stawicielstw państw kapitalistycznych, jak i od t. zw. "bloku komunistycznego".

3) Jedynymi środkami finansowymi pozwalającymi na wydawanie pisma są wpływy z prenumeraty, ogłoszeń oraz darów osób prywatnych.

Tyle o sprawie "kuchennej", nie mniej ważnej, wyjaśnienie której, jesteśmy winni naszym czytelnikom.

Być może, przyda się ono także tym naszym "rodakom", którzy z zapałem godnym lepszej sprawy, starają się szkodzić niezależnemu piśmiu polskiemu i jego współpracownikom walczącym z wieloma innymi trudnościami.

Teraz, przejdziemy do spraw ogólniejszych. Temat jest bardzo obszerny. Postaramy się go skrócić do minimum.

Zespół Redakcyjny "Przeglądu Polskiego" — wyznaje zasady prawdziwej demokracji. Przy dzisiejszym, wyraźnym podziale świata, reprezentuje on idee, którą — słuszenie czy niesłuszenie — określa się w języku potocznym jako ideę "zachodu".

Jeśli idzie o Kraj, to tylko skrajne poglądy na jego sytuację dadzą się wyrazić jednym zdaniem: a) Można nie uznawać tego wszystkiego co się dzieje w Polsce i pragnąć kłeski "regimu" choćby za cenę potoków krwi, oraz b) Można uważać, że wszystko co się dokonuje obecnie w Polsce jest dobre i pragnąć ugruntowania komunizmu.

Oba te stanowiska nie odpowiadają naszym poglądom.

Otóż, wydaje się nam, że ostra i namiętna walka publicystyczna ze *wszystkim* co reprezentuje obecny rząd P. R. L. nie może doprowadzić do żadnego pozytywnego rezultatu. Musimy się liczyć z rzeczywistością. Musimy pamiętać o niustannym zagrożeniu kraju przez Niemcy, które nie zrezygnowały z — odwetu. Musimy zdawać sobie sprawę że Polska osamotniona, może zginąć z mapy, tak jak już ginęła kilkakrotnie.

Nie znaczy to bynajmniej że skłaniamy głowę przed systemem politycznym panującym w Kraju.

Powitaliśmy z ulgą liberalniejszą politykę jaką zastosowano po t. zw. "październiku". Cieszyliśmy się z rozluźnienia kagańca cenzury. Obecnie, w miarę ścinania lodem "październikowej" odwilży, będziemy informowali o tych faktach i oświeciliśmy je tak, jak na to zasługują.

Nie zaprzestaniemy nadal podawania wiadomości o pracy polskiego robotnika i inteligenta i o osiągnięciach polskich w dziedzinie gospodarczej.

To wszystko co się dzieje w naszej Ojczyźnie nie przestanie nas interesować.

W programie pracy na rok bieżący, postaramy się rozwinąć dział literacki, opierając się przede wszystkim na autorach przebywających w Brazylii. Ludzi piszących, — i to piszących świetnie, mamy tutaj wielu. Zapraszamy ich gorąco do współpracy. Inni, którzy chociażby w listach "do redakcji" zapragną wyrazić swoje poglądy, znajdą dla siebie miejsce na tych łamach.

W dziedzinie naukowej, poza wiadomościami z całego świata, będziemy nadal zwracać uwagę na osiągnięcia nauki w Polsce i korzystać z artykułów drukowanych na tematy naukowe w pismach krajowych.

W dziale informacyjnym, poświęcimy rzecz jasna wiele miejsca polskiemu życiu organizacyjnemu w Brazylii. Zapraszamy tutaj także korespondentów do współpracy.

Na koniec projektujemy wydanie w roku bieżącym, rocznika literackiego pt: "Kwiaty Polskie" który zawierać będzie w pierwszej części krótką powieść, a w drugiej opowiadania i szkice różnych naszych autorów.

Pomimo wszystkich trudności, rozpoczynamy ten rok z — otuchą.

Rosnąca gromada Czytelników, listy pełne życzliwości, wyrazy zachęty nadchodzące z różnych stron, pozwalają nam wierzyć, że potrafimy wypełnić obowiązek, dobrowolnie na siebie przyjęty.

O dalszą pomoc w tym wysiłku, prosimy serdecznie naszych Czytelników.

REDAKCJA
oraz

KOMITET REDAKCYJNY
"Przeglądu Polskiego"

W tym numerze m. i.:

M. SŁAWINSKA. Przesunięta godzina

Z. STACHOWIAK. Eksperyment prof. Braddocka.

S. FISCHLOWITZ. Meksyk zrewizytowany.

GAWAR. Dwie stolice
i oczywiście

H. PRZYBORSKI. Reflektorem po świecie.



Wyznanie wiary nowego kanclerza

Deklaracji rządowej Erharda oczekiwano powszechnie z wielkim zainteresowaniem. Istniały pewne oznaki, że nowy kanclerz Niemiec Zachodnich żywi zastrzeżenia co do niektórych pociągnięć politycznych Adenauera i że nie odpowiada mu adenauerowski "styl" rządzenia.

Co do jednego nie było raczej wątpliwości: co do stanowiska, jakie Erhard zajmie wobec rewizjonistycznych żądań pod adresem Polski i innych wschodnich sąsiadów Niemiec. Jeszcze bowiem jako minister gospodarki i jako wicekanclerz, dzisiejszy szef rządu bońskiego wielokrotnie, częściej niż inni ministrowie, uświetniał swoją osobą zjazdy rozmaitych ziomkostw. Wypowiadał się przy takich okazjach publicznie za rewizją granic, niemniej agresywnie, jak stary kanclerz.

Przemówienie Erharda rozczarowało tych wszystkich, którzy oczekiwali, że demonstrować on "nowy styl" w polityce bońskiej. Nawet ci, którzy szukali między wierszami wyjaśnienia, jak nowy kanclerz zamierza ustosunkować się do sporu między Paryżem i Waszyngtonem, pozostali nadal zdani na domysły.

Natomiast rację wykazali sceptycy, ostrzegający, że od człowieka, który przez wiele lat u boku Adenauera sygnował politykę bońską, nie należy spodziewać się zmiany kursu w sprawach rzeczywiste istotnych. Zwłaszcza dla Polski i Polaków nie było tu żadnych niespodzianek. W kwestii granic i rokowań na temat bezpieczeństwa europejskiego Erhard zajął stanowisko tak niedwuznacznie "adenauerowskie", że dziennik "Die Welt" nie wahał się je określić jako "glasklar" — to znaczy jasne jak kryształ.

Nie brakło co prawda w przemówieniu Erharda akcentów pojednawczych wobec wschodnich sąsiadów np. kiedy mówił, że rząd jego "gotów jest z każdym z tych państw krok po kroku badać, w jaki sposób można usunąć uprzedzenie po obu stronach i pozbyć się gruntu istniejącego troski i obawy". Piękne to zapewnienia, ale podobnych nie szczędził również Adenauer, z tym jednak, że i on sprawę odsuwał na daleką metę ("krok po kroku"). Napomknienie Erharda, że Niemcy muszą być przygotowane do poniesienia pewnych ofiar w wyniku przegranej wojny nie jest oryginalne. Przeniesione jest nawet żywcem z jednego ze wcześniejszych przemówień starego kanclerza.

Istotne znaczenie mają natomiast słowa nowego szefa rządu bońskiego tam, gdzie wprost oświadcza, jak jego rząd ustosunkuje się do konkretnych zagadnień w stosunkach ze wschodnimi sąsiadami. Tu właśnie wierność nowego rządu dla linii adenauerowskiej jest poza wszelkim podejrzeniem, a słowa rzeczywiste "jasne jak kryształ".

Mamy więc nieodzowną we wszystkich oficjalnych enuncjacjach Bonn formułę, że w traktacie pokojowym (zawartym oczywiście z Niemcami zjednoczonymi na warunkach bońskich) "mogą i muszą być ustalone granice Niemiec, które według obowiązujących praw międzynarodowych sięgają nadal granic z 31 grudnia 1937 roku".

Nie chodzi tu tylko o prawne subtelności. Erhard nie pozostawia wątpliwości, że granice Rzeszy hitlerowskiej stanowią cel, do którego osiągnięcia Niemcy Zachodnie zdążać będą przy wszelkich rokowaniach. Świadczy o tym nawet tak uboczny szczegół, jak określenie Niemieckiej Republiki Demokratycznej mianem "Niemiec środkowych". Ma to znaczyć, że poza nimi istnieją jeszcze "Niemcy wschodnie" — co bez wątpienia odnosi się przede wszystkim do polskich ziem zachodnich. Nawet pierwsze po objęciu władzy orędzie Erhard wystosował właśnie do ludności "Niemiec wschodnich", zapowiadając demonstracyjną wizytę w Berlinie zachodnim (uważanym na najodpowiedniejsze forum dla prowokacyjnych wystąpień przeciwko prawom Polski i przeciwko rokowaniom w sprawie niemieckiej na warunkach godziwych dla obydwu stron. W ten sposób Erhard poszedł całkowicie po linii życzeń programu wrogo ustosunkowanych wobec Polski organizacji przesiedleńczych.

Nie tylko zresztą pod tym względem. Nowym ministrem dla spraw przesiedleńczych (spraw, które zresztą nie istnieją już jako problem socjalny) powołany został przewodniczący tak zwanego Związku Wypędzonych, organizacji patronującej wszelkim rewizjonistycznym poczynaniom. Nowy minister w swoim oficjalnym przemówieniu nie omieszczał zresztą podkreślić, jakie były przyczyny powołania go na stanowisko w gabinecie Erharda. "Uważam — powiedział — że powołanie mnie jest rezultatem rozważań natury nie tylko wewnętrzno-politycznej, lecz także zagranicznej. Nigdy nie pozostawiłem żadnych wątpliwości, że sprawiedliwe

uregulowanie stosunków na obszarze środkowo i wschodnioeuropejskim możliwe będzie tylko wówczas, gdy poszanowane będzie prawo. Oznacza to uznanie do samostanowienia, prawa do ojczyzny, aby podzielone Niemcy mogły znów zostać zjednoczone".

Wiadomo, że pod pojęciem prawa do samostanowienia rewizjoniści zachodnio-niemieccy zawsze rozumieli prawo przesiedleńców w Republice Federalnej do stanowienia o przyszłości ziem należących do Polski i przez Polskę zagospodarowanych od podstaw. "Prawo" to zresztą — w myśl programu głoszonego przez organizację, której prezesem jest nowy minister — przysługiwać ma wraz z "prawem do ojczyzny" nawet najdalszym pokoleniom tych, których przodkowie kiedyś mieszkali na ziemiach polskich.

Sprawa stosunku do granic polskich zawsze była problemem prawdziwych intencji polityki zachodnio-niemieckiej. Uważają tak dzisiaj nie tylko Polacy, ale i bliscy sojusznicy Bonn na Zachodzie. Stanowisko jakie zajął Erhard w pełni to potwierdza.

W deklaracji nowego kanclerza zjawilo się znów owo osławione "iunctim", czyli żądanie związania w jeden pakiet dwóch spraw — żądań zachodnio-niemieckich w sprawie zjednoczenia, sytuacji w Berlinie i granic wschodnich Niemiec oraz sprawy bezpieczeństwa w Europie środkowej. Innymi słowy: nie może być takiego rozwiązania sprawy bezpieczeństwa europejskiego, choćby częściowego, które nie uwzględniłoby zachodnio-niemieckich żądań, o których wiadomo, że są nie do przyjęcia dla sąsiadów Niemiec. Było to i pozostaje skutecznym sposobem dla torpedowania rokowań, zawsze niepożądanych w Bonn i w kołach niemieckich militarystów.

WOJCIECH BARCZ

REFLEKTOREM PO ŚWIECIE

Jeden z kochanych czytelników, zapytał mnie czy zdarzenia opisywane w "Reflektorze" są — prawdziwe? Odpowiedziałem:

"Drogi Panie, gdyby to były fantazje, to by mnie pan tu nie widział. Zamiast poniewierać się z kąta w kąt, (a propos: wyrzucają mnie z domku, który idzie na sprzedaż) wylegiwałbym się na Maderze i śladem Orvella, zbierał honoraria za "bestsellery".

— Skąd pan wie o tym wszystkim? — brzmiało drugie pytanie.

— Fabryka w której pracuję — odrzekłem — otrzymuje kilkadziesiąt pism różnojęzycznych. Pozwalają mi je czytać. Wieczorami siedzę nad nimi z wędką i wylawiam co ciekawsze rybki.

Skoro już zdradziłem "tajemnice Reflektora", — to przejdźmy do połowów. Pierwszy będzie bardzo ponury. Osmiornica.

W miasteczku Figueras, położonym w północnej Hiszpanii, bawiła się na ulicy dziesięcio-letnia Maria Diaz. Podjechał piękny samochód. Dwóch siedzących w nim panów, poprosiło ją, aby pokazała drogę do zabytkowego zamku. Tego wieczoru, Maria Diaz nie powróciła do do-

mu. Następnego ranka pasący owce w pobliżu ruin kaplicy, Manuel Rueda, poczuł swąd. Równocześnie usłyszał jakieś tajemnicze zaklęcia. Przerywał je jęk bólu. Kiedy po południu powrócił na to samo miejsce, panowała cisza. Manuel zdecydował się wdrapać na szczyt góry, gdzie znajdowały się ruiny kaplicy. Na jej ścianach dostrzegł świeżo wypisane hieroglify. Na podłodze widniały szczątki spalonej sukienki Marii.

Przebywający w pobliskiej Geronie dziennikarz angielski Comer Clarke, zainteresował się tym wypadkiem.

— To czyn członków Klubu Czarnej Magii — oświadczył miejscowy komendant policji. — Bardzo trudno ich schwytać...

W Anglii, w Black Forest, obok szczątków świątyni pogańskiej, znaleziono męczyznę przebitego widłami. Widły go podpierały, wydawało się że stoi.

— W takiej pozycji składano ofiary bożkom — wyjaśnił pewien uczoney. — Morderstwa dokonali członkowie sekty "Czarnej Magii". W tejże Anglii, w Cumberland, natrafiono także na działalność sekty.

Miejscem jej obrządków jest ołtarz z

XII wieku, znajdujący się na gruntach parafii Lanercost.

Nie traćmy nadziei: wracamy do sielsko - anielskich czasów — Średniowiecza.

* * *

Mr. Francis Groeler, męczyl się w Los Angeles przez pół roku: Obok jego domu dzień i noc huczał i zgrzytał świder pneumatyczny. Któregoś dnia nie wytrzymał. Wstał o 5 rano, włożył szlafrok i poszedł nawymyślać pracującym robotnikom.

Wprawdzie jeśli chodzi o przekleństwa to nie można porównać języka angielskiego z rosyjskim, to jednak zasób słów Mr. Francisca musiał być wcale bogaty. Do zaplutego brzydkimi słowami dzieńtelmena podjechał ostrożnie kran motorowy. Jeden z inteligentniejszych robotników złożył Mr. Groelerowi hak pod szlafrok.

Nagle i niespodziewanie znalazł się na wysokości pierwszego piętra.

— Nasz "boss" przyjdzie o dziewiątej... — wyjaśnili uprzejmie robotnicy. — Opuścimy cię wtedy i powiesz mu o co chodzi...

Spuścili go trochę wcześniej. Przebudzona Mrs. Groeler, dokończyła oracji męża i wezwała policję.

* * *

Powracając do domu — na przedmieściu Nowego Jorku — malarz - surrealist — Salvador Dali, zauważył w oknie swojego mieszkania znajdującego się na parterze, — światło. Wszedłszy na ławkę znajdującą się pod oknem, zajrzał do środka. Przy stole, na którym leżał tłomok zrabowanych rzeczy, siedział złodziej i popijał whisky.

Salvador Dali wyjął szkicownik i naszkicował postać złodzieja, poczym ryknął wielkim głosem: "Policja! Łapaj złodzieja!..."

Złodziej uciekł, a szkic znalazł się w rękach oficera policji.

Poleciwszy zrobić kilkanaście fotokopii szkicu, oficer rozdał je swoim podwładnym.

— Ten łobuz grasuje już od dawna w naszej dzielnicy — powiedział. — Tym razem nie umknie!

Policjanci przyrzekli się szkicowi i poszli na poszukiwania.

Już tego samego dnia wieczorem, okazało się że połów jest bardzo obfity: pierwszy policjant przyprowadził z tryumfem — konia. Drugi przyniósł pułapkę ze schwytanym szczurem, trzeci psa rasy tybetańskiej, czwarty obwieścił, że znalazł osobę przedstawioną na szkicu, ale dyrekcja instytucji na terenie której przebywa, nie zgodziła się jej wypuścić. Okazało się, że była to żyrafa.

Aczkolwiek mam bardzo pesymistyczne pojęcie o inteligencji wszystkich ludzi chodzących w mundurach, to jednak rozgrzeszam tych policjantów.

* * *

Skoro zaczęliśmy od tragedii, to jedźmy dalej. Tym razem do Afryki Południowej.

W Johannesburgu, dr med. Hubert Cole miał ciężki orzech do zgryzienia. Jego osiemnastoletnia pacjentka miss Betty Hamfriess zaniemowała.

Stosował wszystkie możliwe środki, a miss Betty ani mru-mru.

Dr Cole stwierdził, że przyczyną zanie-mówienia nie jest defekt fizyczny, lecz psychiczny. Po prostu Miss Hamfriess cierpi na histerię, która zaatakowała struny głosowe. Dr Hubert pożyczyl od kolegi psychiatry aparat elektryczny, plusem opasał lewą rękę Miss Betty, minusem prawą i włączył prąd. Nieobznajmiony dokładnie z aparatem, zamiast niskiego prądu zaaplikował woltaż zdolny poruszyć — tramwaj. Miss Betty pod-

skoczyła na dwa metry do góry, a kiedy opadła na fotel wykrzyknęła donośnym głosem:

— Ty durniu jeden! O mało nie uderzyłam głową o sufit!

Odzyskała głos. W tej chwili biega po Johannesburgu i robi reklamę dr Hubertowi.

— Niech się nikt nie odważy iść do tego konowala, — ostrzega — motorniczy tramwajów miejskich posiada więcej wiedzy od niego.

* * *

Kiedy nie ma czym wypełnić szpalt, redaktorzy na całym świecie sięgają do teczki z klasycznym repertuarem. M. in. należy do tego repertuaru tragedia arcyksięcia Ferdynanda i Marii Vevery, którzy popełnili samobójstwo na zamku w Mayerlingu, Rasputin, wąż morski w jeziorze Loch Ness, księżniczka Anastazja, rzekomo uratowana córka cara Mikołaja II itp.

Do klasycznego repertuaru prasy angielskiej przybył obecnie nowy kawalek: małżeństwo Edwarda VIII-go z panią Simpson. Nicuje się tę historię na wszystkich stronach. Ostatnio, wywleczono na światło dzienne postać tego dramatu mało znaną: proboszcza anglikańskiego kościoła św. Pawła w Darlington Rev. Roberta Andersona — Jardin.

Ze względu na to, że pani Simpson była dwukrotnie rozwiedziona odmówiono Edwardowi udzielenia ślubu kościelnego. Rev. Jardin, uznał w swoim sumieniu ten werdykt za niesprawiedliwy i zawiadomił b. króla, że gotów jest udzielić ślubu kościelnego. Pojechał do Francji, gdzie się znajdowali oblubieńcy i udzielił ślubu. Po powrocie do Anglii biskupi kościoła anglikańskiego i większość kolegów, potraktowali go jak parszywego psa. Zaszczuto go. Musiał opuścić nie tylko swoją parafię ale i kraj. Udał się do Stanów Zjednoczonych, gdzie znalazł się w sytuacji rozpaczliwej. W tym czasie przybyli tam również Windsorowie. Zawiadomiony o pobycie w Stanach ks. Jardin i o nędzy w której żyje. Edward powiedział sekretarzowi: "Nie mamy za dużo dolarów". Księżna zajęta była właśnie zakupem nowych strojów i potrzebowała pieniędzy. Jardin wybrał od różnych biedaków pieniądze potrzebne na powrót. Zmarł w r. 1950 w domu swojej córki.

Te sentymentalne Angielki, które chlipią nad losem Windsorów, niepotrzebnie moczą chustki.

* * *

W tzw. krajach cywilizowanych, kobiety pragnące zażyć tortur małżeńskich, zmuszone są dopłacać do tego interesu — posagiem. Inaczej się dzieje wśród — dzikusów. Tam, — nie bez słuszności — przyszły oprawca zobowiązany jest płacić, — i to z góry, — za swoją ofiarę.

Niestety, "cywilizacja" zaczęła przenikać do afrykańskiej dżungli.

Oto np. w Nairobi zorganizowano "Stowarzyszenie Reformy Posagów dla Terytorium Kenii". Prezydentem tego stowarzyszenia został Mr. Melody Onegoroh. Twierdzi on, że "miłość i pieniądze nie mają z sobą nic wspólnego". (Ha, ha! — przyp. autora).

Melodyjny prezes obwieścił, że np. w plemieniu Kamba, młodzieniec, który pragnie poślubić małżonkę o długich nogach i twardym biuście, musi za nią zapłacić 46 kóz, trzy krowy i 1 byka.

W plemieniu Luo, niejaki Tom Mboya zapłacił za oblubienicę 14 krów dojnych.

Postępowy Jomo Kanyatta z plemienia Kikuyu, zamiast śmierdzących kóz wyznaczył cenę za swoje córki gotówką: starsze i brzydsze sprzedawał za siedemdziesiąt funtów szterlingów, młodsze i ładniejsze za sto.

Reformator Mr. Melody Onegoroh woła:

"To jest handel niewolnicami!"

Chce je mieć za — darmo.

* * *

Zamiast niepotrzebnie marnować pieniądze na dentystów, radzę czytelnikom przejechać się na wysepkę Angoram położoną na północ od Nowej Gwinei. Zaden z jej mieszkańców nie miał nigdy bólu zębów. Dieta jakiej holdują: sago, korzenie drzew, ryby, ogon krokodyla, jaszczurki i węże. Po skonsumowaniu tych przysmaków, przegryzają z łatwością gwoździe. Przeprowadzający doświadczenie na wyspie dr. David Byrnes, został wezwany przez uniwersytet w Michigan dla ułożenia odpowiedniego jadłospisu.

Obawiam się, że feijoada completa — kaput. "Hot-dogs", ditto.

* * *

Policjant Angus Maculay udał się samochodem do miasteczka Castlebay. (Hebrydy). Zostawiwszy ślicznie wypolerowany samochód na ulicy, udał się do sklepu. Kiedy wyszedł, złapał się za głowę. — "Blessed Mary!" — jęknął.

Stado baranów szarżowało na jego samochód i waliło rogami gdzie popadło. Błotniki wyglądały jak korkociągi, radiator jak jajecznicę.

Postali mnie niedawno fabrycznym samochodem za interesami.

Podjechałem do stacji benzynowej. Wtem, wyróżnałem głową o kierownicę. Ktoś palnął mnie z tyłu z całej mocy.

"Desculpe!" — usłyszałem dzwiczny głosik.

Owce także potrafią być niebezpieczne.

* * *

61 letni Antoni Strzyżewski, zamieszkały w Carluke w Szkocji, opuszczając to miasteczko, zapisał cały swój dość pokazny majątek 19 letniej pielęgniarce miejscowej, Miss Jean Milligan.

Zaczęto — plotkować.

"Pięknego mieszkania, nowoczesnych mebli i tysiąca funtów gotówki, nie dostaje się za darmo..." — mówiono.

"Niech gadają co chcą! — powiedziała sprawozdawcy "Sunday Expressu" — matka Jean. "Mr. Styzeusky, był najmiłszym człowiekiem jakiego spotkałam w życiu. Wyglądał na 30 lat, zachowywał się jak prawdziwy dzieńtelmen. Naród który wydaje takich ludzi powinien być z nich dumny".

— Thank you, Mrs. Milligan.

Henryk Przyborowski



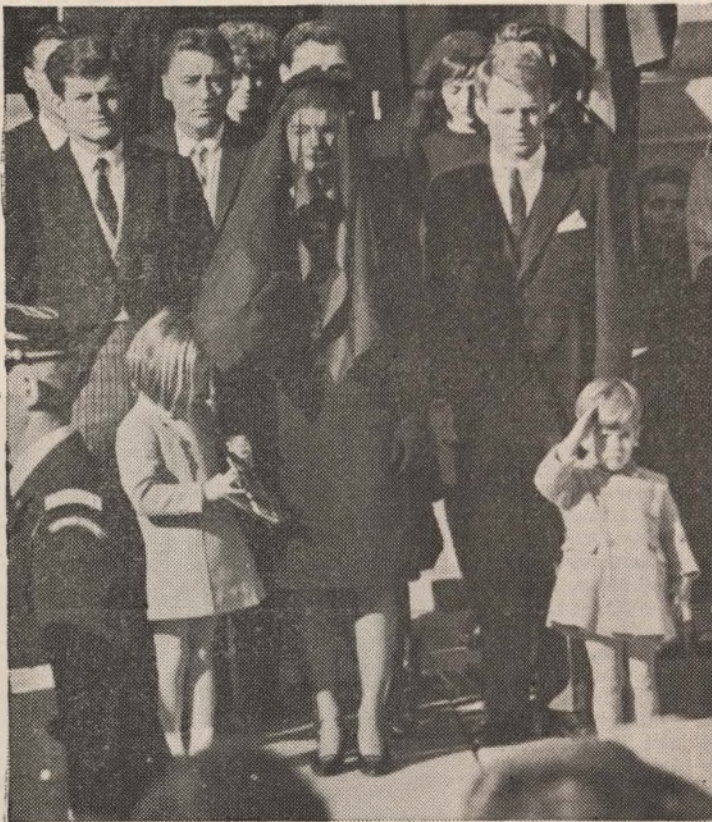
MALBORK — gotycki zamek z XIV wieku, wspaniały przykład średniowiecznej sztuki fortyfikacyjnej.

NA MARGINESIE TRAGEDII W DALLAS



W pogrzebie prez. Kennedy'ego wzięli udział dygnitarze z całego świata m. in. prez., de Gaulle, prez. Luebke (NRF), król belgijski Baudouin, cesarz Haile Selassie, itp.

Prezydent Johnson składa przysięgę na pokładzie samolotu prezydenckiego w Dallas.



Mały John Kennedy salutuje trumnę swego ojca. Obok pani Kennedy — na lewo senator Edward Kennedy, a na prawo generalny prokurator Robert Kennedy, bracia zamordowanego prezydenta.

NAJWIĘKSZE I NAJPOPULARNIEJSZE PISMO
POLSKIE W KANADZIE

ZWIĄZKOWIEC

WYDAWANE DWA RAZY W TYGODNIU
które zawsze wyczerpująco informuje o ostatnich
wydarzeniach w Kanadzie, Polsce i w świecie.

Prenumerata roczna:

w Kanadzie \$ 6.00 — za granicą \$ 7.00

Po bezpłatne numery okazowe pisać do:

POLISH ALLIANCE PRESS

1475 Queen St. W. Toronto 3, Ont.

Tel.: LE. 1-2491 — CANADA

Casa Francera

PEDRALIT REVESTIMENTOS LTDA.

ESC.: R. Barão de Itapetininga, 124 - 6.º. Tels. 36-6734
e 36-0750 — FABRICA: Rua Amaro Cavaleiro, 381 (Pinheiros) - Tel. 8-1189 — SÃO PAULO.



REVESTIMENTOS EM GRANILITE
DECORAÇÕES EM GESSO
MASSAS PARA REBOCO
ARTEFATOS DE CIMENTO
ARTEFATOS DE GRANITO
L A D R I L H O S



Czy Kolumb straci palmę pierwszeństwa?

Dziś o fałszerstwach archeologicznych. Na specjalne omówienie zasługuje pewne znalezisko amerykańskie, wciąż jeszcze aktualne ze względu na to, że dotąd nie został rozstrzygnięty spór, czy jest to fałszyfikat czy autentyczny.

Chodzi tu o tak zwany "kamień z Kensingtonu", znaleziony w roku 1898 w stanie Minnesota, w Ameryce Północnej. Młody chłop pochodzenia szwedzkiego, Olaf Ohman, wykopał przy swojej zagrodzie pień osikowego drzewa. Ku swemu zdumieniu znalazł między korzeniami czworokątny głaz z wyrytymi tajemniczymi znakami. Za namową sąsiadów oddał znalezisko miejscowemu bankierowi, a on odesłał je do uniwersytetu "Northwestern", gdzie zajął się nim wybitny historyk skandynawski prof. O. J. Breda.

Uczony stwierdził bez trudności, że wyłobione znaki to runy Wikingów. Zabrał się też natychmiast do ich odczytania i chociaż nie udało mu się rozpoznać wszystkich znaków, zrekonstruował następujący tekst:

"Jest nas 8 Gotów (czyli Szwedów) i 22 Norwegów. Podróżujemy z Vinland przez obszar Zachodu. Obozowaliśmy nad Jeziorem z dwoma skalnymi wypami, w odległości jednego dnia marszu od tego kamienia. Gdy wróciliśmy do miejsca postoju, zastaliśmy dziesięciu towarzyszy zabitych i krwią zbroczonych. AVM. (Ave Maria), chroń nas przed nieszczęściem. Dziesięciu naszych ludzi przebywa nad morzem, w odległości czterech dni marszu, by pilnować okrętów".

Tekst kończył się jakimś znakiem runicznym, którego Breda nie potrafił odczytać. Wiadomość o znalezieniu kamienia wywołała w Ameryce i w Europie ogromne poruszenie. Szczególnie jednak uradowała emigrantów pochodzenia skandynawskiego, których rozpierała duma, że Amerykę odkryli ich antenaci, a nie Kolumb. Jednakże z tego radosnego upojenia wytrącił ich niebawem sam Breda oświadczając publicznie, że kamień z Kensingtonu jest fałszyfikatem. Jakie argumenty nakłoniły profesora do wydania tak dla rodaków bolesnego i bezapelacyjnego werdyktu?

Przede wszystkim zwrócił on uwagę na to, że język runicznej inskrypcji jest mieszaniną norweskich i szwedzkich elementów. W czasach, kiedy posługiwano się runami, Szwedzi i Norwegowie byli tak zaciętymi wrogami, że trudno wyobrazić sobie, aby mogli stać się współuczestnikami dalekiej i niebezpiecznej wyprawy żeglarskiej w poszukiwaniu lądów.

Najważniejszą jednak poszlaką fałszerstwa były w jego mniemaniu łacińskie inicjały AVM, oznaczające "Ave Maria", ponieważ alfabet rzymski przyjął się w Skandynawii dopiero w średniowieczu. Breda wysunął jeszcze szereg innych wątpliwości, ale dwa wymienione anachronizmy w inskrypcji wystarczyły, by tablicę zdyskwalifikować jako autentyczny zabytek historyczny.

Wypadało jeszcze rozstrzygnąć, kto był sprawcą zręcznej mistyfikacji. Nie sposób było pomówić o to Olafa Ohmana, chłopca prostego i pozbawionego wyobraźni, który nigdy napewno nie słyszał o istnieniu znaków runicznych. Zagadkę postanowił wyjaśnić prof. Flom z uniwersytetu Illinois. Po żmudnych i cierpliwych dochodzeniach, prowadzonych na modłę detektywistyczną, Flom

dokonał rewelacyjnego odkrycia: chłop szwedzki Ohman miał szwagra nazwiskiem Andrew Anderson, który był człowiekiem o pewnym wykształceniu i namiętnie zajmował się runami. Wspólnie z pastorem Svend Fogelbladem zabawiał się sporządzaniem tablic glinianych z rozmaitymi skandynawskimi napisami, tak po prostu dla przyjemności.

Ponieważ często spędzał miesiące letnie na farmie Ohmana, należało przyjąć za pewnik, że on to podrzucił podrobiony przez siebie głaz, w nadziei, że szwagier przedzej lub później usunie pień osikowej topoli i natknie się na wykopalisko. Nie sposób oczywiście dociec, co go do tego kroku skłoniło. Można chyba przyjąć, że chciał po prostu zażartować sobie z sąsiadów nie przewidując, jaki rozgłos nabierze ta sprawa. Nie jest także wykluczone, że kierował się fałszywie pojętym patriotyzmem. Jako zapalony miłośnik starożytności skandynawskich pragnął coś niecoś dopomóc historii dla zbudowania rodaków i umocnienia ich moralnej pozycji na nowym kontynencie.

W wyniku ekspertyzy Bredy, śledztwa Floma kamień, który narobił tyle hałasu, wrócił na farmę Ohmana. Spotkał go tam nowy despekt, gdyż właściciel użył go jako przedproża w swojej stodole. W tej upokarzającej roli trwał okragłe dziesięć lat, aż zainteresował się nim amerykański naukowiec i specjalista od historii normandzkiej Hjalmar R. Holand.

Dzięki niemu sprawa kamienia z Kensingtonu nabrała nowego rozgłosu. Holand z podziwu godnym uporem walczył przez trzydzieści lat w obronie autentyczności znaleziska, jeździł po Ameryce i Europie wygłaszając odczyty na jego temat, przeprowadzał naukowe dyskusje na zebraniach trzydziestu uniwersytetów.

Nie można zaprzeczyć, że na skutek swoich poszukiwań zdołał podważyć argumenty Bredy, stanowiące podstawę negatywnego werdyktu. Istnieją stare sagi normandzkie, z których wynika, że pod koniec X wieku skandynawscy kolonizatorzy Grenlandii wyładowali na kontynencie amerykańskim. Nie zdołali się jednak tam ustalić, gdyż napotkali zacięty opór Indian. Sagi opowiadają szczegółowo o czterech wyprawach żeglarskich. Ostatnią z nich dowodziła Freydis, córka króla Grenlandii Eryka Rudego. Była to kobieta posępna i gwałtowna. Gdy w obozie na nowym lądzie wybuchły jakieś konflikty, zabiła dwóch swoich braci i wymordowała wszystkie kobiety ekspedycji. Potem wróciła do Grenlandii.

Otóż Breda pod sugestią tych sag zakładał, że kamień z Kensingtonu należy oceniać jako zabytek pochodzący z X wieku. Miał po temu pewne prawo z dwóch względów: raz, że nie były mu naówczas znane inne wyprawy żeglarskie Normanów do Ameryki; po wtóre, że w inskrypcji kamienia nie znalazł żadnej daty, która mogłaby stanowić dla niego punkt zaczepienia.

Oczywiście w tych warunkach wszystkie jego zarzuty były słuszne. W X wieku istotnie nie znano w Skandynawii łacińskiego pisma, a żeglarze normandzcy, ludzie zazwyczaj niewykształceni, nie mogli użyć skrótu AVM. W tymże wieku Goci i Norwegowie byli zaciętymi wrogami i chyba nie organizowali wspólnych ekspedycji morskich.

Ale cała argumentacja Bredy runęła jak domek z kart, gdy odczytano ostatni znak runiczny, którego on nie zdołał rozszyfrować, gdyż używano go tylko lokalnie w Norwegii. Okazało się, że oznacza on cyfrę, mianowicie rok 1362. Zmieniło to całkowicie postać rzeczy. W wieku XIV Skandynawowie posługiwali się wprawdzie jeszcze runami, jednakże znali także pismo łacińskie, a teksty swoje często przeplatali skrótami łacińskimi, związanymi z religią katolicką.

Czy w wieku XIV istotnie udała się do Ameryki ekspedycja norwesko-szwedzka? Ponieważ nikt o takiej wyprawie nie słyszał, istniało wciąż podejrzenie, że jest ona wytworem bujnej fantazji autora tekstu wyrytego na kamieniu z Kensingtonu. Holand stanął na martwym punkcie: zdołał obalić argumenty Bredy, ale nie znaczyło to bynajmniej, że udowodnił autentyczność brzońskiego znaleziska.

Z tego dylematu uratowało go zgola nieoczekiwane, sensacyjne odkrycie. W bibliotece kopenhaskiej znaleziono dokument z roku 1354, podpisany przez króla Norwegii i Szwecji Magnusa. Jest to pismo, w którym król rozkazuje swemu dostojnikowi Pawłowi Knutsonowi, aby zorganizował ekspedycję morską i udał się na poszukiwanie norweskich kolonistów, którzy osiedli na zachodnim brzegu Grenlandii i nagle znikli w niewiadomym kierunku. Magnus polecił między innymi, 1/2 w wyprawie wzięli udział rycerze jego gwardii przybocznej, a skądinąd wiadomo, że gwardia ta składała się z młodzieży Szwecji i Norwegii. Ponadto trzeba zaznaczyć, że Magnus był fanatycznym wyznawcą religii rzymskiej i urządził nawet wyprawę na Rosję, by ją nawrócić na swoją wiarę. Na dworze jego panowała żarliwa religijność. Wszystkie te szczegóły, jak to już wiemy, znalazły zadziwiająco wierne odbicie w inskrypcji kamienia.

...Knutson wyruszył w morze na osiem lat przed wypadkami opisanymi na kamieniu. Właśnie tyle czasu mogło upłynąć zanim zbadał póbrzeże Grenlandii i w poszukiwaniu zaginionych zapuścił się aż do Ameryki. Identyfikacja Knutsona z autorem inskrypcji jest oczywiście oparta na pewnym rachunku prawdopodobieństwa. Niektórzy naukowcy uważają, że w łańcuchu dowodowym jest to ogniwo zbyt niepewne i dlatego nadal wzdrażają się uznać kamień za autentyczny.

Kontrowersja trwa więc nadal. Kamień z Kensingtonu spotkał jednak wielki szacunek, spoczywa bowiem obecnie wśród innych wysoko cenionych zabytków w muzeum bardzo poważnej placówki naukowej w Waszyngtonie, w "Smithsonian Institution". Kustosz tego muzeum tak uzasadnił decyzję instytutu: "Na podstawie obecnych dowodów trudno zaręczyć, że kamień jest autentycznym. Z drugiej strony — jeżeli jest fałszykatem, to autor tej mistyfikacji musiał być jakąś superkombinacją doskonałego archeologa, geologa, lingwisty i historyka..."

ZENON KOSIDOWSKI

("Przegląd Kulturalny")

Dr. STANISŁAW BUNDYRA

Jedyny adwokat polski w São Paulo
Członek Związku Adwokatów Brazylii

Załatwia wszelkie sprawy sądowe:
cywilne, handlowe i pracownicze,
jak: inventarze, mieszkaniowe,
upadłościowe itp.

BIURO: Rua Senador Feijó, 29
4 p. s. 417

(obok Katedry) tel.: 35-6521

PRZYJMUJE OD GODZ. 14 DO 19



Codzienne życie profesorów Uniwersytetu Jagiellońskiego w XVI wieku

W pierwszych wiekach istnienia Uniwersytetu Jagiellońskiego jego profesorowie z małymi wyjątkami byli księżmi. Mieszkali wspólnie pod jednym dachem i jadal przy wspólnym stole. Najstarszym budynkiem mieszkalnym profesorów Wszechnicy Jagiellońskiej było tzw. Kolegium króla Władysława Jagiełły, później zwane Kolegium Wiek-szym, dla odróżnienia od Kolegium Mniejszego przeznaczonego również na wspólną rezydencję profesorów rozrastającego się Uniwersytetu. W Kolegium Wiek-szym z upły-wem lat po jego odpowiedniej przebudowie, umieszczona została Biblioteka Jagiellońska.

Dr. Antoni Karbownik, który posiłkom spożywanym przez profesorów Uniwersyte-tu Jagiellońskiego poświęcił specjalną książ-kę, stwierdza, że w wiekach XVI i XVII pro-fesorowie jadal w ciągu dnia tylko dwa ra-zy, na obiad i na wieczerzę. O spożywaniu śniadań nie znalazł w zbadanych obfitych źródłach najmniejszej wzmianki, na pewno zaś nie jadano wówczas ani drugiego śnia-dania ani podwieczorku. W ogóle profesoro-wie prowadzili pierwotnie życie bardzo skromne, nieomal że zakonne. Profesor za-jmował pokój niewielki, skromnie umebło-wany. Znajdowało się w nim proste łóżko, często i drugie przeznaczone dla ucznia gra-cjalisty, pozostającego na utrzymaniu profe-sora, był stół z przyborami do pisania, sto-łek jeden lub najwyżej jeszcze drugi, na ścianie niewielka półka na książki, czasami pod nią skrzynia na rzeczy, wreszcie niez-będne naczynia do picia i umywania. Potra-wy spożywano z zasady proste. Zupy nie by-ły wówczas jeszcze powszechnie przyjęte, sporządzano je zaś na gęsto. Obiady i wie-czerze profesorskie obejmowały z reguły ja-kąś polewkę np. z maku, z owsa czyli tak zwaną owsiankę, lub też zupę z grochu, z migdałów, albo barszcz. Do tego mięso, a w dni postne ryby. Na drugie danie była ka-pusta lub inna jarzyna. W dni świąteczne dawano obfitsze posiłki.

Z czasem życie profesorów Uniwersytetu Jagiellońskiego stało się bardziej wykwinne. Tak więc trzymając się w naszym opisie ka-lendarza na Nowy Rok dodawano do zwyk-łych potraw kielbasę, kiszkę i głowę wieprz-o-wą. W uroczystości Trzech Króli z kasy kole-gialnej pobierano 6 zł. na zakup sarny lub zajęcy. W dniu tym na obiad, jako danie pierwsze podawano mięso wołowe z poło-żonymi na nim kielbasami i kiskami, na dru-gie głowę wieprzową z racicami, następnie cwa sarną lub zajęcę, a w końcu jakąś ja-rzynę z pieczenią cielecą. Podskarbi kupo-wał na ten dzień pół beczki piwa, a dziekan wydziału filozoficznego ofiarował według zwyczaju trzy garnce wina. Posty zachowy-wano ściśle. W dni powszednie wielkiego postu nie było wieczerzy, podawano ją tylko w niedzielę. W Wielki Piątek nie było rów-nież obiadu. Dawano tego dnia tylko placzek. W Wielką Sobotę spożywano już obiad obfity złożony ze śliwek, ryb z szafranem, zupki migdałowej, jarzyny i karpi.

Obiad w pierwszy dzień Wielkanocy był starodawnym zwyczajem wystawny. Poda-wano więc najpierw szolę, tak bowiem wówczas nazywano wieprzową szynkę, z ja-jami, następnie barszcz, mięso wieprzowe,

kapłony, groch, trzy jagnięta, fundowane przez podskarbiego, również wino i piwo przez niego kupowane. W wigilię Bożego Na-rodzenia jadano najpierw śliwki, potem ry-by z szafranem przesyłane przez dzierżawcę Bronowic, następnie zupę migdałową, socze-wicę, karpie razem z rybą soloną na którą podskarbi dawał jeden złoty, w końcu ja-kąś jarzynę. Z czasem obiady również w inne dni świąteczne stawały się bardziej wystawne dzięki zapisom profesorów, którzy



ZAGADNIENIA SPOŁECZNE I GOSPODARCZE —

Wymiana handlowa polsko - brazylijska

Handel polsko-brazylijski ma już ustalone tradycje. Podstawą tej wymiany przed woj-ną były w eksporcie polskim szyny kolejo-we, wyroby walcowane i drut kolczasty.

Po wojnie wymiana pomiędzy obydwoma krajami oparta jest na zasadzie kompensacji generalnej (clearingu) t. zn. na rozliczeniu wzajemnym i bilansowaniu poprzez banki centralne obu krajów wartości realizowanych dostaw.

Od dłuższego czasu Polska była perma-nentnie zadłużona w Brazylii na sumę ok. 5 milionów dolarów, gdyż zakupywała wię-ciej, niż sprzedawała. Stało się to w wyniku wyeliminowania przez Brazylię z zakupów statków morskich, które stanowiły poprzed-nio najpoważniejszą pozycję w eksporcie pol-kim. Brazylia posiadając obecnie pierwsze nowozbudowane i już uruchomione stocznie morskie, jak Verolme i Iwashikiwajima, jest w stanie budować sama jednostki pływające floty handlowej.

Dopiero w końcu ub. r. udało się Polsce zrównoważyć saldo bilansu płatniczego na skutek realizacji należności za szyny kolejo-we, zakontraktowane ostatnio dla RFF.

Dynamiczny rozwój polskiego eksportu w ub. r., rozszerzenie kontraktowanego sorty-mentu na nowe towary produkowane przez przemysł polski — zapewniają łatwiejsze utrzymanie równowagi bilansowej wzajem-nych obrotów.

Z punktu widzenia gospodarczego handel z Polską jest wyjątkowo korzystny dla Brazy-lii, gdyż nie wywołuje żadnego zaangażowa-nia finansowego. Kredyty, które strona pol-ska gotowa jest udzielić Brazylii, mają cha-akter ściśle towarowy w zakresie sortymen-tu produktów nie wytwarzanych w Brazy-lii (mechanizacja kopalń węgla, budowa elektrowni termo-elektrycznych, maszyny hutnicze itd.).

W r. ub. Brazylia partycypowała po raz pierwszy na Międzynarodowych Targach w Poznaniu we własnym pawilonie liczącym około 50 firm z najrozmaitszych branż. Import-terzy polscy, jako też wielu kupców z całego świata, wykazali żywe zainteresowanie pro-dukcją przemysłu brazylijskiego.

testamentem legowali pewne sumy na tzw. refekcje czyli odżywianie się. Tak więc ksiądz Jan Mucha z Kurzelowa, św. teologii doktor, zmarły w 1602 r. był fundatorem refekcji winnych. Procenty od sum zapisanych przez niego obracano na zakup wina dodawanego do obiadów bardziej uroczystych. Ksiądz Stanisław Biel z Nowego Miasta, również doktor św. teologii zapisał fundusz na re-fekcje w potrawach na wszystkie uroczysto-ści N. P. Marii. Ksiądz Piotr z Poznania uczcił w podobny sposób św. Piotra w Oko-wach, a Wawrzyniec z Biskupic, medycyny doktor i profesor, uczcił znów w taki sposób swego patrona św. Wawrzyńca męczennika. W miarę upływu lat mnożyły się tego ro-dzaju zapisy refekcyjne, polepszyły się ja-kość i obfitość profesorskich posiłków. (Ss)

Zakupy polskie w Brazylii obejmują do-tychczas głównie rudę żelazną, kawę, baweł-nę, sisal i kakao. Ponadto po raz pierwszy zainteresowała się Polska brazylijskimi wy-robami przemysłowymi kontraktując obra-biarki do metalu firmy ROMI. Zaintereso-wania polskie obejmują znacznie większy sortyment i volumen towarów łącznie z wy-robami przemysłowymi, na których ekspor-cie Brazylii obecnie tak zależy. Obroty ma-ją szansę poważnego wzrostu z chwilą upo-rządkowania brazylijskiego systemu waluto-wego. Jest to obecnie główny czynnik ha-mujący eksport. Mimo to już w r. 1963 obro-ty osiągnęły ok. 20 milionów dolarów, a per-spektywy na rb. są znacznie bardziej obie-cujące.

Jeżeli chodzi o strukturę eksportu polskie-go do Brazylii to ponad połowę tego ekspor-tu, jak przed wojną, stanowią szyny kolejo-we, wyroby walcowane i drut kolczasty. Z in-nych poważnych pozycji należy wymienić tra-dycyjnie odbierany przez Brazylię sól i je-czmień browarniany, podstawowe produkty do wyrobu piwa. Z towarów rolno-spoży-wczych wymienić jeszcze trzeba: kartofle, sa-dzeniaki, konserwy rybne i drożdżowe, kom-poty, dżemy, mak, napoje alkoholowe. W po-ważnym stopniu eksportuje się do Brazylii polskie chemikalia dla potrzeb farmacji, rol-nictwa i przemysłu.

W ub. r. Polska finalizowała z Admini-stracją Narodowego Planu Węgla budowę wielkiego kombinatu energetycznego o mocy 200 MW, mającego powstać na obszarze sta-nów Santa Catarina i Rio Grande do Sul, w oparciu o istniejące tam pokłady węgla kamiennego. Oprócz dwóch siłowni po 100 MW każda Polska zbudowałaby i wyposaży-ła w nowoczesne maszyny kopalnie węgla, które stanowiłyby zaplecze surowcowe siłowni. Obiekt ten, jeżeli pertraktacje zotaną za-kończone pomyślnie, stanowić będzie jeden z najpoważniejszych budowanych przez Pol-skę za granicą i jeden z największych nie tylko w Brazylii, ale i w skali całego po-ludniowo-amerykańskiego kontynentu.

Do szczegółowej analizy wyników eksportu polskiego do Brazylii w r. 1963 powrócimy w następnym artykule. (J. Gr.)



PRZESUNIĘTA GODZINA

MIRA CARLA ŚLAWIŃSKA

— Sergeant O'Connor! Sergeant O'Connor!

Mary May nie słyszy. Wołanie niknie w wieczornym zgiełku kantyny. W niej samej szum, jakby się w piersi morze przewalało. Siedzi przy barze ze wzrokiem utkwionym w wysoką szklanice, którą obraca miarowo w dłoniach, bezmyślna, nieobecna.

I znowu:

— Sierżant O'Connor proszona do telefonu!

Ktoś dotyka jej ramienia.

— To do ciebie, Mary.

Ciężko podnosi głowę, jak obudzona z chaotycznego snu. O co chodzi? Telefon? Do niej? O tej porze? Prawdopodobnie pomyłka.

— Coming — odpowiada apatycznie i leniwie zsuwa się z taboretu.

W drodze do kabiny telefonicznej mija w hall'u gromadę rozdokazywanych koleżanek. Są i koledzy. Wśród nich — Kenneth Maclean. Najwyższy ze wszystkich, zajęty pilnie przy tarczy zegara. Mary przechodzi, nie patrząc nawet w stronę znajomych, a tak w tej chwili obojętnej jej osób. Irytuje ją ich śmiech i swawola. Okrzyki wesołości kołają w ogołocone serce, jak nadmierna świetność razi oczy niechronione przez ciemne szkła.

Zamyka się w oszklonej kabinie i zdejmuje słuchawkę zawieszoną na haku obok telefonu.

— Tu... Mary... May... — skanduje niechętnie i z takim wysiłkiem, jakby każde słowo podważać musiała klinem.

— Tu Jan!

Omal nie zachwieje się, gdy słyszy tak dobrze jej znany, dawno niesłyszany, dźwięczny głos i imię najmielsze w świecie.

— Tu Jan! Milczysz, Sweetie? O, jedyna, niezapomniana! Gdyś ty wiedziała, jak bardzo mi ciebie brak, jak ogromnie stęskniłem się za tobą. Tyle, tyle mam do powiedzenia. Teraz niemożliwe. Dzwonię z drogi, z malej stacyjki. Jedziemy z północy. Rano będziemy w Londynie. Z St. Pancras skierują nas na Victoria Station. Potem — kontynent. Przewidziana jest przerwa około trzech kwadransów. Pragnę spędzić ją z tobą. Muszę przecież tyle wyjaśnić. Jestem pewien, że zrozumiesz i — przebaczysz... A więc, będę czekał, niecierpliwie, nieprzytomnie!

Mary nie ufa własnym uszom. Pewno śni... Jan nie zapomniał jej! Nazywa ją "jedyną", prosi o spotkanie, by wiele wytłumaczyć. Przede wszystkim powie dlaczego ustały nagle jego listy. Blisko rok — ni słowa, ni życia. A teraz prosi, by przyszła...

Jest wniebowzięta. Z trudem opanowuje wzruszenie, gdy pyta:

— Gdzie i kiedy?

— Stacja Wiktoria — powtarza Jan — o siódmej. Bądź punktualna, jak zawsze byłaś, Sweetie, nasz czas — krótki i na wagę złota: przed ósmą wyruszam w dalszą drogę. A więc, przyjdiesz, Sweetie?

— Przyjdę.

— Cudnie. Pamiętaj, punktualnie o siódmej, seven sharp.

— Seven sharp!

Mary May nabiera tchu i wraca do baru, by zapłacić za whisky, które zawsze zostawia niewypite, choć, zamawiając odgrzała się za każdym razem sobie samej, że się upije na umór. Wyfruwa z kantyny. Prawo przyciągania zdaje się nie dotyczyć jej smukłej, dziewczęcej postaci, skrzepowanej mundurem sierżanta armii brytyjskiej. Na progu zderza się z Kennethem.

— Jan dzwonił z drogi. Jutro o siódmej czeka na "Wiktoria" — obwieszcza jednym tchem zamieniona w wiosenny, słoneczny poranek, choć jest późny wieczór a Londyn tonie w ulewie i w zupełnym zaciemnieniu. I już jej nie ma.

— Jan? — powtarza Kenneth, jakby dzielony obuchem — Jan?

Wielki, barczysty chłopiec z Dundee, o ciemnorudych włosach, piegach na nosie i czystych szaro-zielonych oczach dziecka, zapłakany, gdyby mógł. Kocha Mary szczerze i niezmiennie od pierwszego "blitzu", jaki zastał go na Holborn, na szczęście w pobliżu stacji kolejki podziemnej. Szybko zbiegł schodami w dół i w tunelu, służącym za improvizowany schron przeciwbombowy mieszkańcom Londynu — po raz pierwszy zobaczył Mary May.

Była blada, jak kreda i niespokojnie mrugała lazurowymi oczami, okolonymi ciemnymi rzęsami. Tak lazurowych oczu i tak długich rzęs Kenneth jeszcze nie widział, ale dziewczyna wydała mu się dopiero co przybyłą prowincjalką zdezorientowaną w nieznanym, olbrzymim i tak okrutnie nawiedzonym mieście.

Nalot trwał dość długo, ale dziewczyna trzymała się nad wyraz

dzielnie. Dopiero gdy zatrzęsło podziemiem, jakby się Londyn zawalił i zrobiło się ciemno w tunelu uczyła się oburącz jego rękawa i tak już trwała przytroczone do niego, aż do odwołania alarmu.

— O, so sorry — szepnęła zażenowana, gdy znów zapaliły się światła.

Kenneth uśmiechnął się. Nie miała powodu go przeproszać. Przeciwnie. Jej bliskość umiliła mu przymusową bytność w zimnym i ciemnym schronie. Świadomość, że choć mimo woli i w tak niespodziewanych okolicznościach mógł być pożytecznym przerażonej, bezbronnej istocie napełniła go rozrzwinięciem. Uczucie to zamieniło się w szczerą satysfakcję, gdy spostrzegł, że dziewczyna miała nie tylko piękne oczy, ale wszystka była, jak z jednej z tych pocztówek, które jeszcze za czasów szkolnych zbierał z tą samą gorliwością, co i znaczki pocztowe, by mieć co oglądać i podziwiać w jednolajne popołudnia niedzielne purytańskiego Dundee.

W pewien czas potem spotkał Mary już w mundurze, jak i on sam — podczas jednego z przedstawień dla wojska. Odtąd widywał ją coraz częściej w kantynie, na koncertach, na niedzielnych nabożeństwach. I za każdym razem silniej utrwalał w sobie przekonanie, że gdy świat wreszcie uspokoi się, dziewczyna będzie jego.

Tymczasem dziewczynę urzekł Polak, ciemnowłosy, śniady porucznik Jan. Miał zmęczoną twarz, srebrzące się skronie, ale mówił dużo i ciekawie. A ruchliwy był, jak rtec. Kenneth poznał go przypadkowo u Lyons'a na kolacji. Nie poczuł sympatii do tego zbyt pewnego siebie "foreignera", o zlekka drwiącym uśmiechu i jakimś przenikliwym, nieufnym spojrzeniu. Wydał mu się poza tym dziwnie podniecony, niespokojny. Bezustannie bawił się to nożem, to solniczką, to bębnił palcami w stół, to raptem wybuchał ostrym, nerwowym śmiechem. I ów irytujący cukrzony sposób zwracania się do Mary: Sweetie, Sweetie...

Nie, stanowczo nie przypadł mu do gustu porucznik Jan.

— x —

Mary May nie śpi. Boi się zasnąć, choć codziennie wstaje o piątej i pół. Po głowie jej toczą się koła pociągu, który zbliża się ku Londynowi i wiezie jej Jana. Już tylko kilka godzin, parę godzin, godzina...

Wchodzi do poczekalni niepewnym, lęklwym krokiem, jakby szła na egzamin, a nie czuła się dostatecznie przygotowana.

Jana jeszcze nie ma. Tłumiąc w sobie pewne rozczarowanie, siada przy stoliku na którym znajduje rozłożoną, poranną gazetę, pozostawioną przez kogoś z pasażerów. Zmusza się do czytania, ale niewyspany wzrok nie ma się drobnego druku. Litera skaczą jedna przez drugą i na obydwu wewnętrznych stronicach układają się to w obraz Jana, to — Kennetha. W miarę gdy zbliża się ku niej sucha, śniada twarz Jana, oddala się jasny, puciołowaty Kenneth. Trochę, jakby jej żał... Ken — jak go zwała — był dobrym i miłym opiekunem. Zjawiał się zawsze, jak zamówiony, by wyrwać ją z chwilowego zakłopotania, z samotności, z pogmatwanych myśli. Oznaczał schron.

Ale Jan obiecywał przygodę, burzę, namiętność. Życie u jego boku byłoby nietłuwne, ze szkła, domkiem z kart. Za to ciekawe, bujne, pełne oczekiwań, niespodzianek, niewypowiedzianych emocji i owego uczucia słodkiej niepewności, która jest zdecydowanym wrogiem nudy i monotonii, na jaką niewątpliwie skazałoby ją małżeństwo u boku statecznego ale bezbarwnego Kennetha Maclean.

Dla czego Jana jeszcze nie ma?

Nieokreślona siła naprowadza ją znowu na myśl o Szkocie. Nie był jej niemiły, ale — jakby to określić? — taki na codzień. Już ten jego prozaiczny zawód w cywilu: technik dentystyczny... Jak to mogło iść w parze z tymi jego wielkimi dłońmi — uśmiecha się Mary May z pobłażliwą wzdrgą.

Kim jest Jan? Nigdy nie wspominał czym się zajmował przed wojną. I ona nie mąciła ich wspólnych chwil pytaniami, na które nie otrzymałaby może jasnej odpowiedzi. Domyślała się, że tłukła się w nim skomplikowana dusza artysty. Był wszechstronnie uzdolniony, w jej pojęciu, przynajmniej. Miała go za wirtuoza, gdy grał Chopina, za zdolnego artystę-malarza, gdy rozkładał przed nią swe gwasze, za wielkiego aktora, gdy deklamował w swym języku monolog Hamleta czy Irydiona. Z teki z rysunkami i planami, którą zwykł był nosić ze sobą, wnioskowała, że musiał być architektem. W rzeczywistości zajmował się kreślarstwem, ale suma jego zainteresowań, wykazywał się także niezwykłymi zdolnościami lingwistycznymi — pasowała go w oczach Mary na istnego geniusza, o tyle ciekawszego, że nie zdradzał ni krzty abnegacji, jaka cechuje artystów z ich osobliwego światka, dzielnicy Chelsea. Zawsze taki "smart" w dopasowanym przez drogiego krawca battle-dressie. Nie, jak Ken, wprawdzie czysty i porządkny, ale noszący swój niezgrabny mundur w stanie, w jakim go "wyfasował". I berret na głowie Jana zdradzał elegancję połączoną z pewną fantazją...

Ken nie lubił skrzepowania.

— I like to be comfy — powiedział — lubię czuć się wygodnie. Już dawno mogłaby zostać jego żoną, nieraz była bliska tego kroku, ale w ostatniej chwili zjawiało się wspomnienie Jana i przesłaniało wszystek jej widnokrąg, na nowo napętlając nadzieję, że jednak on pewnego dnia do niej powróci.

Już ról do ósmej, a Jana nie widać.

Mary chce wyjść na peron, ale jest taka senna, oczy się kleją. I tłok coraz większy. Mogłaby się minąć z Janem. Mogłaby stracić miejsce przy stoliku i to, którego, jak cerber broni, dla Jana.

— Jan... Jan... Jan... — woła go w duchu.

Zaczyna się niepokoić. A jeżeli on nie przyjdzie?

Ostrzegają ją przyjaciółki.

— Zobaczysz, zobaczysz — mówiły — ten twój Jan okaże się nalotem, "blitzem", po którym zostaną w twoim życiu jedynie blizny i ruiny. Pewnego dnia zatęskni do innej, do "swojej", która w sobie nosić będzie je g o o jczyznę. To samo może wydarzyć się tobie. Zmęczy cię jego skomplikowany charakter, trudny język, zwyczaje, nawyki. Jego ramiona nie obiecują żadnej "security", lekkomyślna głupek.

Mogły sobie mówić. Już znała okruciny jego mowy. Zaniedbała kurs od czasu, gdy znikł — zdawało się tym razem — na dobre. Teraz dokończy naukę polskiego, bo w tym języku będzie mówić do swoich dzieci. Po wojnie pojedzie przeciw do kraju Jana. Thy people — my people — twój naród — mój naród... Z tkliwością uśmiechała się do swych planów na przyszłość. Ze zdjęć, które jej pokazywał, Zakopane musiało być zaczarowanym zakątkiem świata, Warszawa — filią Paryża.

Jana nie ma. Mary czuje w sobie potęgający się lęk, jakby to oczekiwanie szczęścia było czymś grzesznym, niedozwolonym.

Słyszysz zbliżający się turkot kół. Wzmacnia się zgiełk na peronie. Do poczekalni wpada tłum podróżnych, przeważają żołnierze.

Szybkim, nerwowym ruchem wyjmując z torebki puderniczkę i niepewna siebie pyta lusterko o swój wygląd, czy nie zmieniła się czasem na niekorzyść. Schudła. Oczy osadziły się głębiej. Wypatrzywały za bardzo — lituje się sama nad sobą. Jaką wyda się Janowi? I znowu ten lęk. Dziwne. W towarzystwie Kennetha nigdy nie odczuwała tego wewnętrzznego drżenia. Błąd, zmęczoną, nieufryzowaną — chłopiec zawsze znajdował fascynating. Z Janem miało się inaczej. Był wrażliwym estetą i przywiązywał wagę do najmniejszego szczegółu w urodzie. Mary May uśmiecha się; przypomina sobie ni stąd ni zowąd jego zaprasowane palce na plecach, te nieskazitelnie utrzymane końce czarnej tasiemki u beretu... Kiedyś poprosił, żeby zapudrowała sobie przyszyk koło ucha, innym razem poprawił kredką zarus jej brwi. A raz to poradził jej zmienić krawcowa. Była "w cywilu", zwrócił uwagę na zbyt krótki stan u sukienki.

Zegarek Mary May wskazuje godzinę siódmą trzydzieści siedem. Dlaczego Jan jeszcze nie wszedł do sali? Jest taka senna, poziewuje, ale nagle trzeźwieje. A jeżeli Jan nie przyjdzie? Czyżby ów wybuch radości w telefonie był udany? A może... może był po prostu podchmielony i telefonował z myślą o innej? Może — zakpił?

Wzdryga się. Jest na siebie zła. Jeszcze raz dała się ponieść swemu uczuciu, a nie rozsądkowi. Słyszając jego głos, powinna była powieścić słuchawkę.

Wzburzona dopija resztę ostyglej herbaty, zostawia monetę i wstaje z miejsca, które tak długo przytwierdzało ją do siebie. Czuję się ciężka, jak z ołowiu. Czyżby zranione serce tyle ważyło?... Górze bierze jednak uczucie wstydu, własnej słabości, niepotrzebnego upokorzenia się. A jeżeli Jan jest w pobliżu, obserwuje ją i — śmieje się z jej niepokojów? O, gdyby mogła, spoliczkowała by swą bezdenną naiwność!

Jak to dobrze, że istnieje Ken — rozjaśnia się nagle w jej umroczonym umyśle Kenneth — woła go cicho — bo już nie ma żadnej wątpliwości, że to właśnie na niego wskazuje palec losu. Jan przeleciał przez jej istnienie, jak huragan, jak klucz bombowców. Kenneth — to odwołanie po ataku.

Jest szczęśliwa, gdy za sobą słyszy jego niski, ale jakże łagodny głos:

— May, I help you, darling?

Odwraca się i zmieszana, nieporadna, chwytając się kurczowo jego ramienia, tak, jak wtedy w schronie stacji Holborn. Tylko, że nie mówi so sorry, a — sooo gład...

Jej dłoń ześlizguje się po ramieniu Kennetha i zamyka się w piąstkę w wielkiej, mocnej, piegawatej dłoni Kena.

— Chodźmy no dobre śniadanie — mówi Ken opiekuńczym tonem — pewno jeszcze nic nie jadłaś, you naughty girl!

Oboje są już w jednej z kawiarni przy Pimlico Road, gdy na stację Wiktorii szybkim krokiem, niemalże w podskokach wchodzi Jan. W ręce ścisła maleńkie pudełeczko. Za chwilę na palec ukochanej dziewczyny włoży pierścione, o którym zawsze marzyła. I wyzna jej swój błąd. Tak, błąd, — cedzi z niesmakiem na myśl o minionej miłości. Jeszcze żadna przygoda nie wydała mu się tak błacha, niska i głupia, jak ta ostatnia w Aberdeen. Funta klaków nie była warta, junta klaków — powtarza z pogardą. Ale już się rozchmurza, promienieje. Nie spóźnił się tym razem ani o sekundę! Wielki zegar przed nim wskazuje dokładnie siódmą godzinę czasu wiosennego.

MIRA CARLA SŁAWIŃSKA

ZBIGNIEW STACHOWIAK

EKSPERYMENT PROFESORA BRADDOCKA

Profesor Braddock przekreślił kran i ciemnoczerwona ciecz, lepka i gęsta, przestała się przelewać do wanny. Słychać było miarowe cykanie chronometru. Był to jedyny odgłos naruszający ciszę w laboratorium.

Profesor Braddock sprawdził jeszcze wskaźnik termometru pokojowego, mruknął z zadowoleniem (urządzenie klimatyzacyjne działało sprawnie, słupek rtęci zatrzymał się na podziałce 37,5 st. C, odpowiadającej temperaturze wnętrza ciała ludzkiego) i zgasiwszy jaskrawe światło reflektora zaczął się rozbierać. Po raz pierwszy od wielu dziesiątków lat czoło mu się rozpozodziło i stara Nancy, jedyna kobieta tolerowana w tym domu bardziej podobnym do klasztoru, niż mieszkania prywatnego, zdziwiłaby się niezmierzenie, gdyby była przy tym obecna, słysząc jak z gardła profesora wydobywa się śpiew podobny do gdakania kury znoszącej jajko. Profesor William Braddock znany był bowiem z ponurego usposobienia, zgryźliwości i wybuchowego temperamentu. Erudyta, obdarzony zmysłem niezwyklej docieklowości i pomysłowości w badaniach naukowych, genialny eksperymentator, nie miał jednej tak niezbędnej w życiu umiejętności — współżycia z ludźmi. Asystenci bali się go jak ognia, potrafił zburzyć za najmniejsze niedopatrzzenie, najmniejszy błąd. Dziwna rzecz — ci, którzy go znali w młodości z czasów studiów uniwersyteckich, twierdzili, iż był najbardziej czarującym kolegą, nie stroniącym od kieliszka i dziewcząt. Coś się w nim jednak zmieniło z chwilą, gdy został powołany na stanowisko adiunkta prof. Allana Burtona, tego samego Burtona, o którym powiadają, iż był ojcem biologii współczesnej. Braddock zaraził się widocznie od swego patrona fanatyzmem wiedzy. Wiadomo było przecież powszechnie, że Burton wyznaje zasadę kapłaństwa w nauce: kto się poświęca nauce powinien zapomnieć o uciechach życia doczesnego.

W kilka miesięcy po objęciu czynności adiunkta Braddock zerwał z dnia na dzień bez podania motywów z uroczą dziewczyną, z którą był zaręczony, z którą miał się niebawem ożenić, co przynależało wywołać niemałe oburzenie w środowisku kolegów. Odtąd zamknął się w sobie, przestał bywać u znajomych i cały wysiłek zwrócił na wykonywanie obowiązków naukowych. Zwierzchność umiała ocenić jego niesłychaną pracowitość i wybitne zdolności. W wieku lat 28 był już docentem, a wkrótce potem po śmierci prof. Burtona mianowano go profesorem nadzwyczajnym biologii Uniwersytetu w Fulham. Dziś, mając lat 52, był już członkiem Królewskiej Akademii Nauk, laureatem nagrody Nobla i kawalerem orderu Podwiązki. W imię prawdy należy powiedzieć, iż wcale nie dbał o te zaszczyty i że sława męczyła go i wprowadzała w zły humor.

Śpiwając i wyczyniając ruchy, przypominające taniec Hotentotów, prof. Braddock zdejmował fartuch, spodnie, koszulę i inne części garderoby, aż ukazało się kościste ciało, przypominające pod względem barwy poleć wędzonego sztokfisa. Zupełnie nagi położył się następnie na szezlongu, połączonym grubym przewodem z aparatem zajmującym centralną część laboratorium. Po drugiej stronie aparatu znajdowała się wspomniana wanna napełniona czerwona cieczą.

Układając się wygodnie prof. Braddock unieruchomił najpierw metalową klamrą nogi, a następnie zrobił sobie zastrzyk dożylny co nie było rzeczą trudną, ponieważ żyły miał jak postronki. Ostatnią czynnością, którą wykonał, stanowiło przekreślenie zaworu w aparacie i pokrycie całego ciała gęstą plastikową siatką. Aparat zawibrował i rozległ się przeciągły dźwięk, podobny do monotonnego brzęczenia trzmiela.

Zanim przejdziemy do dalszej części naszego reportażu, którego prawdziwość będą niewątpliwie chciały podważyć miernoty z konkurencyjnej Sunday Times, musimy opowiedzieć kilka słów o ostatnich rewelacyjnych pracach prof. Braddocka. Ideą fixe prof. Braddocka było samoródtwo. Ex catedra zwalczał biogenezę, doktrynę głoszącą, że żywe organizmy mogą być zrodzone tylko przez organizmy żyjące uprzednio. Twierdził, że jedynie niedostateczny stan naszej wiedzy o życiu uniemożliwia na razie przeprowadzenie udanego eksperymentu, któryby dowiódł, że organizmy mogą powstawać samoistnie z materii organicznej tzw. plazmy. Długotrwałe badania pozwoliły mu wreszcie wytworzyć tę plazmę, w skład której wchodziły wszystkie potrzebne do życia elementy tj. białka, tłuszcze, węglowodany, sole i woda, nie wyłączając, oczywiście, takich złożonych związków białkowych, jak: enzymy, hormony i aminokwasy. Stworzył też aparat, przy pomocy którego umieszczając na jednym jego końcu plazmę (w postaci ciastowatej cieczy), a na drugim jakiś żywy organizm potrafił zdutłować ten organizm. Wyrażając się obrazowo aparat fotografował jak gdyby każdą komórkę i każdy organ i odtwarzał je następnie w plazmie.

Prof. Braddock rozpoczął swoje eksperymenty od pierwotniaków.

ków, przeszedł potem do stawonogów i pajęczaków, aż wreszcie zdecydował się na kręgowce. Kiedy po raz pierwszy udało mu się odtworzyć z plazmy białą mysz, kiedy usłyszał jej pisk, zrobiło mu się słabo. Zrozumiał potworną doniosłość swojego odkrycia, które nieomal równało go z Bogiem, jego wagę i niebezpieczeństwo.

Teraz mógł przystąpić do doświadczenia, mającego ukoronować jego wysiłki, do uformowania z materii organicznej — człowieka. Nie chcąc nikogo wtajemniczać (a zresztą obawiał się, iż eksperyment nie jest obojętny dla zdrowia modela) postanowił sam poddać się próbie.

Byliśmy właśnie świadkami tej próby.

Aparat szumiał bez przerwy dwie, czy trzy godziny, aż wreszcie o oznaczonym czasie zatrzymał się i w laboratorium słychać już było tylko cykanie chronometru. Przeszło jednak jeszcze jakieś dziesięć minut nim prof. Braddock obudził się ze snu, w który go pogrążył zastrzyk dożylny. W głowie mu z lekka szumiało, na ogół jednak czuł się doskonale. Wyswobodził nogi z zaciskającej je klamry i tak jak stał, nie ubierając się, podbiegł do wanny.

W płynie, przypominającym wody piodowe, leżał nagi, świetnie zbudowany, mężczyzna. Na oko mógł mieć 26 do 30 lat. Twarz miał otwartą, wzbudzającą zaufanie. Braddock przyglądał mu się chwilę, porównując mimo woli swoje wychudłe, zasuszone ciało z umięśnionym, artystycznie niemal ukształtowanym ciałem tego człowieka.

Gdyby popatrzeć na fotografię prof. Braddocka z czasów, gdy miał 25 lat, możnaby się doszukać pewnych cech podobieństwa z nowokreowaną istotą, ale jednak to nie było to samo.

— Epigeneza — powiedział prof. Braddock. — W czasie trwania doświadczenia powstały nowe struktury i właściwości, których nie ma w moim ustroju.

Ubrał się pospiesznie, wypuścił wodę z wanny i zaczął włochatym ręcznikiem nacierać ciało mężczyzny. Udało mu się wreszcie obudzić go. Człowiek otworzył wielkie, niebieskie oczy, rozejrzał się półprzymkniętymi dokoła i powiedział:

— Gdzie ja jestem?

— W bezpiecznym miejscu, Eddy. Właśnie cię wykapałem.

Człowiek popatrzył bezradnie.

— Nic nie pamiętam, kompletnie nie.

— Straciłeś pamięć po tym okropnym wypadku samochodowym, Eddy. Pomogę ci trochę. Jestem twoim starszym bratem Williamem. Urodziłeś się w Bath 26 lat temu. Nazywałeś się Braddock, Edward Braddock.

— Śmieszne nazwisko — powiedział Eddy — ale lepsze, niż żadne.

Roześmiał się.

— Może mi dasz jakieś lachy. Chętnie bym włożył coś na siebie. I poza tym muszę ci wyznać, że jestem piekielnie głodny.

Prof. Braddock przyniósł swoją piżamę, która jednak okazała się za ciasna na Eddy'ego.

— Twoje ubranie było tak zniszczone, że musiałem je wyrzucić — powiedział prof. Braddock. — Jutro pomyśli się o tym.

— Dobra, — mruknął Eddy. — Teraz marzę tylko o żarciu i wygodnym łóżku. Później opowiesz mi o katastrofie.

— Och, to nic ciekawego. Przywiózł cię jakiś człowiek i mówił, że rozbiliś wóz o drzewo. Byłem taki wstrząśnięty, że nie spytałem się nawet gdzie się stało.

— Dobra, to nie ma znaczenia. Prowadź mnie do jadalni.

Braddock wyciągnął z lodówki pół kurczaka, kawałek szynki, ser i zrobił szybko herbatę.

— Czy to są wszystkie twoje zapasy? — spytał. Eddy. — Zupelnie, jak dla dziecka. Słuchaj no, nie masz czasem whisky?

— Nie. Wiesz przecież, że nie piję. Mam tylko trochę rumu. Używam go na wypadek przeziębień.

— To dawaj rum. Nie bądź skąpy.

Była już późna godzina, gdy Eddy podśpiwując położył się spać. Profesor odstąpił mu własne łóżko, sam zaś próbował zasnąć na fotelu klubowym. Nie mógł jednak nawet przymknąć powiek.

Teraz dopiero zdał sobie sprawę jak lekkomyślnie postąpił tworząc Eddy'ego. Złamał prawa boskie i ludzkie, wziął na siebie wielką odpowiedzialność za losy człowieka. I w dodatku jakiego człowieka? Jako sobowtór powinien mieć delikatniejsze upodobania. Zdało się, że nie wykazywał zamiłowania do nauki, lubił tylko to co sprawiało przyjemność, gruboskórą przyjemność życia i używania.

Myśląc tak prof. Braddock nie przypuszczał, iż charakter Eddy'ego jest uosobieniem jego niezrealizowanych pragnień. Poświęcając całe życie dla nauki profesor wypędził z kręgu swego istnienia wszystko co stanowi o szczęściu osobistym człowieka. Był bardzo surowy dla siebie. Ale w głębi jestestwa, poza progiem świadomości, kłębiło się uczucie pożądania. Sam o tym nie wiedząc hordował w sobie skłonność do dobrego jedzenia, alkoholu, kobiet, do wszystkich uciech, których się wyrzekł. Te uśpione pragnienia ukształtowały duszę Eddy'ego.

Nazajutrz Eddy obudził się późno. W międzyczasie profesor zdążył powiadomić Nancy o przybyciu gościa i zamówić dla niego ubranie.

— Mój brat — powiedział — lubi dobrze zjeść. Niech pani kupi porządną kawałek mięsa, rybę, bo ja wiem. Trzeba też zrobić pudding ryżowy.

— No, nareszcie, proszę pana — zauważyła Nancy — zjawi się w tym domu na stole uczciwy rostbef w sosie miętowym.

Eddy po przebudzeniu się i gimnastyce porannej zaszedł do kuchni i od razu zdobył serce Nancy: mówiąc:

— Pani wygląda jak młoda dziewczyna.

Pierwsze dni pobytu Eddy'ego w domu upłynęły w zgodnej atmosferze. Wbrew pierwotnym przypuszczeniom Braddock przekonał się, że chłopak odznacza się dyskrecją i taktem. Nie naprzykrzał się profesorowi swoim towarzystwem i nie wtrącał do jego zajęć. Większą część dnia spędzał na mieście, przychodząc tylko punktualnie na posiłki. Porobił mnóstwo znajomości w barach, pubach i sklepach. Miał szczególny dar zjednywania ludzi, a kobiety: te za nim przepadały. Zawsze wesoły, szarmancki potrafił każdej powiedzieć miłe słowo. A przy tym całe jego zachowanie dalekie było od płytkiej donżuanerii, nigdy nie pozwolił sobie na grube zaczepki lub dwuznaczne żarty.

Lubił też dzieci i potrafił bawić się z nimi całymi godzinami sam zamieniając się wtedy w dziecko.

Pewnego wieczora po obiedzie kiedy profesor Braddock, nachmurzony, pił swoją szklanę ziółek, Eddy zagadnął go zniechęceniście:

— Chciałem z tobą pomówić, Willy.

— Słucham cię.

— Goszczę u ciebie prawie dwa tygodnie i jem twój chleb...

— Nie objadasz mnie... — przerwał pospiesznie Braddock. Możesz w tym domu siedzieć tak długo jak będziesz chciał.

Eddy potrząsnął głową.

— Wiem o tym. Jesteś bardzo dobrym bratem i nie żałujesz niczego, ale mnie to samego krępuje. Czas już, żebym zaczął pracować.

— Mogłbyś mi pomagać, Eddy.

— Nie, nie obraż się, ale czuję wstręt do białych myszy i świnek morskich. Poza tym nie lubię pracować w zamkniętym pomieszczeniu.

— Co więc zamierzasz robić? — zapytał z rozdrażnieniem profesor Braddock.

— Znalazłem już zajęcie. Pewien fabrykant trykotaży w Soho chce mi dać przedstawicielstwo swoich wyrobów.

— No, dobrze, możesz objąć posadę choćby od jutra. Nie mam nic przeciwko temu.

— Jest jednak trudność. Widzisz, ja nie mam żadnych dokumentów.

Profesor Braddock zmarszczył czoło. Nie pomyślał o tej okoliczności. Po chwili milczenia powiedział:

— Postaram ci się o papiery. A na razie daj adres tego fabrykanta, zaręcę za ciebie.

Nazajutrz wybrał się pod wskazany adres. Przemysłowiec, jowiłny jegomość w starszym wieku, sływał, oczywiście, o prof. Braddocku. Jego rekomendacja wystarczała mu najzupełniej. Przy tej sposobności wypowiedział opinię o Eddy'm.

— Pański brat jest jednym z najmiłszych ludzi jakich znam. I jeżeli wolno powiedzieć przewiduję, iż zapędzi w kozi róg wszystkich moich sprzedawców.

Od fabrykanta trykotaży Braddock wybrał się do adwokata.

W poczekalni pełno było ludzi, ale adwokat przyjął go natychmiast.

— Dawno już pana nie widziałem, profesorze, — powiedział zacierając małe, tłuste rączki.

Braddock posępny, zły, popatrzył na niego zezem. Nie lubił tych towarzyskich wstępów, zabierających tylko czas.

— Panie Smith — powiedział kwaśno przystępując od razu do sprawy, — przygarnąłem pewnego młodego człowieka, który stracił pamięć i który oficjalnie uchodzi za mojego brata. Czy mógłby się pan wystarać o dokumenty dla niego?

— To jest jak? — zapytał adwokat, nie przestając zacierać rączek. — Mówi pan, że ten dżentelmen nie ma żadnych papierów? Czy dobrze słyszałem?

— Jak najlepiej.

— Ależ to bardzo poważna sprawa, panie profesorze Braddock. Będziemy musieli wszcząć postępowanie sądowe dla ustalenia tożsamości młodego człowieka. Nie posiada pan o nim żadnych bliższych danych?

(Dokończenie nastąpi)

Esporte Universal Ltda.

ARTIGOS PARA TODOS OS ESPORTES

E UNIFORMES PARA COLÉGIOS

Rua Líbero Badaró, 356 — TEL.: 37-5660

Caixa Postal, 4413

SÃO PAULO

LIST DO GOMBROWICZA

Na łamach prasy krajowej, ukazał się list nestora polskich pisarzy 77 letniego L. H. Morstina, skierowany do W. Gombrowicza: Oto:

Nie wiem czy pan sobie mnie przypomina, ale ja pana znałem, gdy pan nie był ani wielki, ani sławny, a my starsi pisarze, bo od pana byłem wiele starszy, interesowaliśmy się jego talentem, wróżąc, że zajmie poczesne miejsce w naszej literaturze. Dziś przeczytałem w "Życiu Literackim" wywiad z panem — pani Barbary Witek-Swinarskiej i tak jestem nim wstrząśnięty, że postanowiłem się do pana odezwać. To co pan powiedział w swym wywiadzie jest obraźliwe dla nas wszystkich żyjących i piszących w kraju i co gorzej jest obraźliwe dla całego narodu polskiego. Cytuję pana słowa, posługując się tekstem wywiadu pani Swinarskiej — "Wasza wiedza o Niemcach jest niepełna. Wy stale w sposób nieskromny chętnie się cyfrą (5 milionów zabitych). Widać, że na temat okupacji nie macie nic innego do powiedzenia(!). Niemcy zabijali, bo tak im nakazywała ich moralność. To jest tragiczne i ten tragizm należy zrozumieć. Ja patrzę z perspektywy i dlatego ogarniam całość... I dlatego ja, a nie wy, mam słuszość, bo umiem patrzeć na zimno, z dystansem, bo ogarniam. Polacy są zaściankowymi nacjonalistami z urodzenia i przekonania... I ta polska skłonność do przesady, to tylko u was opowiada się o okropnościach wojny. Gdzie indziej się o tym nie słyszy. Wy patrzycie na sprawy wojny wyłącznie ze swojego podwórka, nie potraficie tego ogarnąć. Dystans, dystans — tego wam brak..."

Stop, panie Gombrowicz teraz ja panu coś opowiem. W czasie okupacji w roku 1944 przyjechał do mnie na wieś Niemiec, nie wojskowy i nie gestapowiec tym razem, ale jakiś urzędnik z administracji. Musiałem go przyjąć. Po załatwieniu sprawy i wypiciu kilku kieliszków wódki, której zażądał, zaczął ze mną rozmowę o sytuacji militarnej Niemiec Hitlera. Już ona wtedy dobrą nie była. Wyrażał się, że napętnia go to wielką troską, ale dodał — pan rozumie — my musimy zwyciężyć, więc zwyciężymy. A musimy zwyciężyć, bo po tych zbrodniach, któreśmy w Polsce robili, kiedyśmy ludzi żywcem palili, dzieciom głowy o bruk rozbijali, kobiety krzyżowali, (w sąsiedniej wsi sam widziałem kobietę nagą na krzyżu gwoździami przybitą za to, że ukrywała Żyda), jeżeli nie zwyciężymy... Tu głos mu się załamał tragicznym akcentem i mówił dalej. Jeżeli będziemy pobici, Niemcy jako naród przestaną istnieć, będą zgładzeni z powierzchni ziemi, bo takich zbrodni nikt im nie przebaczy. Wszyscy bez wyjątku winni i niewinni będą odpowiadać i będą ukarani najsurowiej. Za to piekło, któreśmy narodowi pol-

skiemu zgotowali i zapewne tak samo innym podbitym narodom, będziemy unicestwieni. Tak mówił Niemiec w czasie okupacji, gdy pan się patrzył na Polskę z drugiej półkuli — spokojny i bezpieczny.

Stało się inaczej niż przewidywał ten, wydaje się uczciwy człowiek, bo już nigdy więcej go nie spotkałem. Hitler został pobity, a myśmy narodowi niemieckiemu wszystko wybaczyli, chcemy z nim żyć w zgodzie i w przyjaźni. Tylko żądamy ukarania tych, co rękę do mordów przykładali. Nie możemy patrzeć spokojnie jak piastują wysokie urzędy, są otaczani honorami i czecią i są przyjmowani, jak to ostatnio miało miejsce, przez najwyższych dostojników Państwa i Kościoła. Tego, co się u nas działo w czasie okupacji, pan nie widział, o tym pan nie słyszał i dalej nie chce słyszeć. — Niemcy Hitlera nie tylko mordowali, ale mordowali w sposób okrutny, stosując nieraz tortury, jakich od początku świata w takiej skali nikt nie stosował.

Mówił pan dalej, że dla Niemców jako dla narodu ma wielki szacunek. Ze Niemcy to naród moralny, w życiu prywatnym, w pracy, w stosunkach międzyludzkich. Do tego przekonania doszedł pan obserwując ich obecnie w czasie swego pobytu w Berlinie zachodnim. Wolno panu taki sąd o Niemcach wypowiadać i nikt o to nie może do pana mieć pretensji. Ale nie wolno panu oskarżać równocześnie społeczeństwa polskiego o zaściankowy nacjonalizm za to, że nie może zapomnieć swych cierpień w czasie okupacji i wobec ciągłych enuncjacji rewizjonistów gotuje się do obrony swoich granic. Są pewne sprawy tego świata, które nie dadzą się interpretować na różne sposoby. Na próżno się szuka irracjonalnych motywów czynów nieludzkich i osobliwości zbrodni. Żaden dystans tego nie zmieni, że okrucieństwo jest okrucieństwem, ludobójstwo — ludobójstwem, tyrania — tyranią, gwałt — gwałtem. Podróżując dużo po wojnie po krajach zachodnich: Austrii, Niemczech, Włoszech i Francji często spotyka się taką opinię: tylko u was opowiada się jeszcze o okrucieństwach, które się działy podczas wojny, gdzie indziej o tym się nie słyszy.

Najbardziej pospolitą formą egoizmu ludzkiego jest zamykanie oczu na niedolę bliźniego, by nie psuć sobie używania wszystkich rozkoszy i ponęt życia świadomością, że istnieje cierpienie. I to jest powód dlaczego tam o okropnościach wojny ludzie nie chcą słyszeć. Ale pisarzowi tak rozmawiać nie wolno. Bo nie przestaliśmy wierzyć, że literatura jest sumieniem narodów, które nie pozwala im zapomnieć o grzechach i winach swoich ani cudzych, by ludzkość na szlakach historii ku lepszej przyszłości prowadzić, gdzie świeci blask jutrzeńki zwiastującej złoty wiek pokoju i zgodnego współistnienia wszystkich ludów, szczepów, ras i narodów. Pisarz, który swojej misji tak nie pojmuje, nie jest godnym tego imienia.

LUDWIK HIERONIM MORSTIN

"BRASTRAF" INDÚSTRIA DE TREFILAÇÃO S. A.

Trefilação de:

Tubos de aço com ou sem costura.

Barras cheias redondas e com todos os perfis.

Arame de aço.

Rua Ibitirama, 1.800
V. Prudente
Enderêço telegráfico
"BRASTRAF"

Enderêço para correspondência
Rua 7 de Abril, 252 — 10.º

SÃO PAULO

Fones: 63-3100
63-3109



STANISŁAW FISCHLOWITZ

MEKSYK ZREWIZYTOWANY

I

Opieram się pokusie. Nie, nie zamierzam raz jeszcze odkrywać tego bezgranicznie ciekawego kraju. Bo i pogo? Zrobił to już około 333 lat temu Korteż, któremu zresztą nie są zupełnie za to wdzięczni Meksykanicy, wspominający go z nieukrywaną niechęcią. Trudno się temu dziwić. Rewolucja meksykańska z r. 1910, w której cieniu żyje do dziś dnia republika aztecka, była nie tylko antykapitalistyczna, antylatyfundiarna i antykatolicka. Była nade wszystko spóźnionym buntem Indian przeciw białym, buntem zsiadującym na naszą najpełniejszą sympatię. Nieprzerwany do dziś dnia łańcuch wykopalisk ujawnia nam fascynujące zupełnie bogactwa historyczne i przedhistoryczne cywilizacji Majów i Azteków i wielu "ras" poprzednich, która w niczym nie ustępuje prze reklamowanym zdobyciom starożytnego Egiptu, Palestyny, Mezopotamii, czy nawet Chin. W świetle najnowszych osiągnięć archeologicznych podbój tego kraju przez zgraję hiszpańskich awanturników przerwał ciągłość rozwojową Meksyku, oznaczał długowiekowy okres haniebnego zastoju.

Dziś Meksyk, kwitnąca republika, o 35 milionach ludności, osiedlonych na terenie dwóch milionów km² (z czego więcej, niż trzy czwarte nieużytki!) jest jedynym krajem nie tylko zamieszkałym przez przytłaczającą

większość mieszkańców amerykańskich (chyląca około 70%, z czego 10% Indianie na marginesie kultury współczesnej) — takich krajów jest ostatecznie znacznie więcej na półkuli Zachodniej — ale też rządzonym przez elitę przeważnie autochtoniczną. I, o dziwo, rządzonym w sposób nieporównanie sprawniejszy, niż to się udaje białym Latynczykom iberyjskim we wszystkich innych 19 republikach Ameryki Łacińskiej.

II

Zapomnijmy więc na chwilę o nieco oklepianych, choć tak przekonująco uzasadnionych zachwytach nad piękną i bujną przeszłością Meksyku, i zastanówmy się nad jego podziwu godną teraźniejszością.

Próbując ująć po mojej ostatniej misji naukowej i administracyjnej, której szczegółami nie myślę zanudzać czytelników, filozofię polityczną tej republiki dochodzę do wniosku, że jej interpretacja nie jest sprawą tak prostą jak by się to mogło wydawać na pierwszy rzut oka. Myślę, że należy szczególnie uwypuklić zdumiewający pragmatyzm współczesnych jej rządów, obcy wszelkim ideologicznym przewrotom, tak niestety modnym w klimacie jałowej demagogii politycznej gdzie indziej, i to zarówno wewnętrznej, jak i zewnętrznej.

Meksyk, haniebnie ograbiony w przeszłości stosunkowo niedawnej przez imperialistyczną Yankeelandię z jednej trzeciej swych posiadłości, nie ma napewno powodów dla amatorów do Stanów Zjednoczonych Ameryki Półn. A przecież umie kształtować swe stosunki z północnym sąsiadem bez cienia jakichkolwiek urazów w duchu swoich dobrze i trzeźwo rozumianych interesów gospodarczych. Swój bilans płatniczy opiera w dużej mierze, jak wiadomo, na dochodach z turystyki północnoamerykańskiej, która przynosi około 800 milionów dolarów na czysto. Dużo tej waluty przysparza też w ostatnim dziesięcioleciu sezonowa emigracja zarobkowa, ostatnio zresztą zahamowana pod wpływem nacisków syndykatów amerykańskich. Ale to jeszcze nie wszystko. Import kapitału inwestycyjnego z USA osiąga tu dalej znakomite wyniki. Nacjonalizacja? Mało się o niej mówi. Po najcie przyjdzie co najwyżej upamiętnienie kopalń — i nic już, absolutnie nic więcej. Nikomu się nie śni by poddawać inwestycje zagraniczne bezsensownie samobójczym ograniczeniom.

"Rewolucja społeczna?" Na terenie Ameryki zaczęła się bezprzecnie w Meksyku. Ale do czego się ostatecznie sprowadza? Reforma agrarna postępuje wciąż nieprzerwanie naprzód. Wbrew obawom nie doprowadziła do upadku wytwórczości rolnej. Kierunek jej może zapewne podlegać dyskusji. Nie wydaje się nazbyt przekonujące rozbudowanie własności zbiorowej ("egidio"), która w przyszłości będzie musiała być poddana rewizji. Ale trudno zaprzeczyć, że reforma zdołała skutecznie rozładować ostre społeczne naciśki bezrolnego proletariatu wiejskiego. System ubezpieczeń społecznych, rozbudowany w skali niemal nieznaną gdzie indziej, mimo bezprzecnych przerostów i wykoszawień, jest osiągnięciem godnym jeżeli nie bezpranicznego podziwu to w każdym razie największego zainteresowania. Szeroki program reform społecznych przewiduje konstytucja z r. 1917

pieczolowicie utrzymana w mocy z nieistotnymi zmianami, istny rekord ciągłości ustrojowej w tej części Ameryki! Po upływie 46 lat próbuje się dziś wprowadzić w życie przewidziany w tej konstytucji udział pracowniczy w zyskach przedsiębiorstw, zresztą w formie umiarkowanej, bez jakiegokolwiek przesady. Ale na tym już konie.

"Państwo Dobrobytu Społecznego unika wszelkich ryzykanych eksperymentów, które mogłyby zagrażać utrzymaniu równowagi gospodarczej. Sprawia to, że Meksyk jest dziś koniunkturalnie jedyną oazą na pustyni łacińsko-amerykańskiej. Zdołał uniknąć inflacji. Powodzenie procesów rozwojowych wyraża się wzrostem rocznym narodowego produktu o nie mniej, niż 4,8%, który wciąż jeszcze przekracza niepokojącą a la longue stopę przyrostu ludności (3,5 per annum!)

Nic więc dziwnego, że mało na tej półkuli tak zimunizowanych w stosunku do bakcyli wywrotowych jak ta republika. Co prawda slogany Marksa, Lenina, Chruszczewa, a zwłaszcza Fidel Castra działają silnie, wpływając na postawę klas intelektualnych. Przekonałem się o tym osobiście, kiedy na kongresie socjologii, na którym reprezentowałem naukę brazylijską, komuniści próbowali mnie zaatakować jako rzekomego przedstawiciela kapitalizmu i wstecznicstwa. Ale nikt się tym nie przejmując. Niech ktoś odważy się tylko wprowadzać w życie te zasady: zastrajkować, opanować nielegalnie wielką własność rolną, czy chociażby zmanifestować czynnie solidarność Kubie, a znajdzie się najniespodziewaniej za kratkami i to na długie lata.

III

Wszystko to byłoby nie do pomyślenia, gdyby republika aztecka nie wykazywała jednocześnie stabilizacji politycznej, może jedynej w swoim rodzaju na całym świecie i to po zwycięskim opanowaniu krwawych wstrząsów wywrotowych w pierwszych dziesiętkach tego wieku. Oceniając oryginalny system rządów meksykańskich należy tu pod-

LIST DO GOMBROWICZA

(Dek. - ze str. 18)

Gombrowicz, przebywa obecnie z Zach. Berlinie, gdzie za dolary amerykańskiej fundacji "studuje" życie Niemców.

W chwilach wolnych udziela wspaniałomyślnie wywiadów, które nadawane są potem przez radio "Wolna Europa". Inne, — jak widać z listu Morstina, — drukuje się w prasie.

Po sławetnym posiedzeniu "Jury" "Wiadomości" napisałem list do nieodżałowanego ś. p. Z. Nowakowskiego. Pragnąłbym, aby jedną moją wypowiedź — z tego listu — poznał także L. H. Morstin. Oto ona:

"Rzecz jasna, że nie jest WSzanowny Pan cdcsobniony, w swojej opinii o twórczości pirackiej Gombrowicza. Myślę jednak, że powinniśmy przestać się nim zajmować i traktować go jako polskiego pisarza. Człowiek ten się wynarodził. To nie jest już Polak. To dotąd był Argentyńczyk, być może obecnie po "studiach" odbytych za dolary U. S. A. stanie się Niemcem. Polska krytyka powinna się nim zajmować jako — obcokrajowcem. Z serca polskiego, z ducha, ze stylu, nie pozostało w nim — nic. Próchno, świecące w nocy, międzynarodowym neone-m."

Słowa wypowiedziane przez L. H. Morstina, przeczytałem z największą satysfakcją.

W poglądach na wiele spraw, tak my na emigracji, jak Polacy w kraju, jesteśmy solidarni. Ta drobna sprawa ma głębsze znaczenie: tronimy wspólnie czystości myśli i dorobku kulturalnego naszej literatury.

Nie zerwaliśmy ze sobą — łączności.

(Np.)



Tatry. Piękna jest Dolina Pięciu Stawów. Rozległa, trawiasta i kamienista leży w samym sercu Tatr. Na zdjęciu: widok na Przedni i Wielki Staw.

kreślić zupełny rozbrat między pompatyczną nieco teorią, a arcytrzeźwą praktyką. Pozornie, formalnie, dekoracyjnie Meksyk do republiki najbardziej postępowej o czerwono-białozielonym sztandarze narodowym zabarwionym na różowo. Ale rzeczywistość to odwrotna strona medalu, to jedyny poza Sowietami kraj o wyidealizowanym skrajnie systemie monopartyjnym, przysługującym zreorganizowanej około 30 lat temu "Partii Zinstytucjonalizowanej Rewolucji" (coż to nawiasowo za dziwny nowotwór: rewolucja zinstytucjonalizowana to już żadna rewolucja...). Utrzymuje się "na niby" pieczołowicie pozory szerokiego wachlarza stronnictwa, a nawet ostatnio zmienia się ordynację wyborczą by zapewnić grupom mniejszościowym szersze przedstawicielstwo w kongresie. Umiarkowane stronnictwo P. A. N. o charakterze katolickim pod kierownictwem lidera, którego nazwisko brzmi naprawdę bardzo po chrześcijańsku (Señor Christlieb) osiągnęło w ostatnich wyborach blisko 13% i ma nadzieję podwoić swą reprezentację przy najbliższych wyborach. Inne partie, jak np. socjalistyczna (P.P.S.), której przewodzi Lombardo Toledano biorą niejaki, ale raczej pozorny udział w życiu politycznym.

W rzeczywistości jednak brak tu miejsca dla opozycji godnej tego imienia. Cały mechanizm państwowy obraca się dokoła jednostronnej osi. Decyzje partii rządowej ustalają wszystko co się dzieje w Meksyku. Partia ta nie jest monolityczna. Obejmuje sektory: robotniczy, chłopski i ogólny. Niekiedy dają się zauważyć starcia między klasowymi "grupami nacisków". Wszystko tak działa by dać dołom społeczeństwa pożądane wrażenie współudziału w kształtowaniu losów państwa. Ale naprawdę ster rządów sprawuje wszechwładny prezydent republiki, dyktator, którego władzy nie ogranicza gabinet, zupełnie nieznanymi tamtejszemu reżymowi. Ministrowie to bierni wykonawcy woli prezydenta. Wybory prezydenckie to zupełna lipa. Następnego prezydenta wyznacza po prostu poprzedni. Ratyfikacja tego wyboru przez partię, a potem przez ogół wyborców to zwykła formalność. Tak się jednak szczęśliwie złożyło, że wszyscy ostatni prezydenci, łącznie z obecnym, Mateosem Lopesem, wykazali wyjątkowo talent polityczny i administracyjny i rzadką w tej części Ameryki uczciwość.

Kto będzie następnym prezydentem? Mogłem z bliska obserwować zmianę warty, przenikając osłonę dymną, jaka ją zwykle zasłania. Dla zapewnienia państwu należytej równowagi po odchyleniu ostatnim w stronę centrolewu przyjdzie w r. 1964 przedstawiciel centroprawu antykomunistyczny, "prozachodni", a co jeszcze bardziej sensacyjne — praktykujący katolik, Ordas, obecny minister spraw wewnętrznych. Pierwszy katolicki prezydent republiki nie tylko programowo laickiej i bojowej antyklerykalnej, ale nawet nastroszonej w duchu wrogim Kościołowi — to dowód "okrzepnięcia systemu politycznego Meksyku, który po 53 latach nie potrzebuje już hasła walki z Panem Bogiem. Choć o tym nie można było przeczytać ani słowa w prasie czynnikami lewicowymi przyjęły tę nowinę ze zrozumiałym zresztą zdumieniem, ale, i z trudno ukrywanym zgorznięciem. Tak czy inaczej można już z góry uważać kandydata P. R. I. za prezydenta. Nie odważy się on na żadne posunięcia wsteczne, nie mniej pójdzie na całego po linii free enterprise. Wszelkie wątpliwości na ten temat usunęły mi rozmowy — po prostu z ciekawości, bo co mi na tym ostatecznie zależy? — z upatrzonymi już z góry ministrami przyszłego rządu.

Możnaby się zapytać gdzie w tym wszystkim rola wojska? Otóż żadna. Chciałoby się powiedzieć, że jest zamknięte w koszarach, ale byłoby to nieścisłością, bo brak go tu niemal zupełnie. Armia służy do budowy dróg, robót publicznych, współpracy przy reformie rolnej. Czasem sobie nieszkodliwie postrzela, ale to w granicach budżetu, stano-

BLASKI I NEDZE WOJNY NA «SOKOLE»

6

Nie wyjechaliśmy już więcej na żaden patrol z Malt. Bombardowania niemieckie stały się tak wściekle, że stojąc w porcie musieliśmy się na dzień zanurzać. W La Valette większość domów leżała w gruzach, życie w mieście zamario.

Zatopiono wielki okręt podwodny angielski HMS "Pandora" o wyporności — 2.500 ton, a i nam się dostało. Bomba spadła tak blisko "Sokoła", że zburzyła kilka baterii elektrycznych. Pojechaliśmy więc do La Valette, żeby baterie wymienić. Nie udało się tego zrobić, gdyż zaczęło się znowu cholerne bombardowanie, samoloty nadlatywały falami, musieliśmy więc czempnąć dać nurka w wodę.

Ale co tu gadać i tak mieliśmy szczęście. W czasie, gdy płynęliśmy po nowe baterie inny okręt podwodny, angielski, zajął nasze miejsce w bazie. No i trzeba trafiać, że wybuchła pod nim bomba, łamiąc go w połowie, jak zabawkę.

Mysle, że gdyby w okresie tych bombardowań jeden batalion Niemców zatakował Maltę to by ją zajął bez oporu.

Pewnego dnia przybyły na wyspę trzy statki handlowe z amunicją, żywnością i lekarstwami. Pamiętam, że wieczorem owego dnia przemawiał z Londynu przez radio premier Churchill, mówiąc: "Mogę was upewnić, dzentelmeni, że jesteście jeszcze panami na morzu". A w kilka dni później dwie nowoprzybyłe łajby już się ładnie paliły, tylko na nich amunicja wybuchła.

Zaczynało nam brakować żywności i amunicji. Rozkazy mówiły o oszczędzaniu torped. Tak np. do pancerników i okrętów podwodnych wolno było wypuszczać cztery torpedy, a do innych okrętów tylko dwie.

Kiedy zlatywały bomby niemieckie siedzieliśmy w schronie w głębi skały, a chociaż było tam bezpiecznie to i tak portki się trzęsły pod nami. Pamiętam jak pewnego razu, niemieckie eskadry zaczęły grzać jak diabli, a memu najlepszemu kumpłowi, Józkowi Paszkowi, zachciało się akurat pójść do willi, którą wynajmowaliśmy. Był to fajny chłop ten Józek Paszek i stale mówił, że po wojnie muszę z nim pojechać do Dzieńdzic skąd pochodził.

— Nie chodź, bracie, — radził bosman Domicz — bo jeszcze oberwiesz w kuper.

Ale co tu gadać z wariatem. Chłopak uparł się i poszedł. No i bomba trafiła go prawdopodobnie w głowę, bo kiedy po



Pożegnanie z Maltą.

nalocie poszliśmy sprawdzić co się z nim stało znaleźliśmy tylko krwawy placek przyklepiony do ściany domu. W odległości kilkunastu metrów pod płotem leżał but z kawalkiem nogi. To wszystko.

Admiralicja zrozumiiała wreszcie, że Malta jako baza floty wojennej nie nadaje się do użytku. Postanowiono wycofać z wyspy okręty podwodne. Zostały tylko dwa: HMS Havoc, który później został zatopiony przez niszczyciela włoskiego i Sokół.

W końcu wyruszyliśmy i my. Celem naszym była Anglia, ale po drodze mieliśmy zahaczyć o Gibraltar. Wlokąc się na jednej grupie baterii, gdyż druga była zepsuta i częściowo zalana wodą, dotarliśmy z trudem do Gibraltar. Prąd w cieśninie jest bardzo wartki i dlatego, znając nasze położenie, admiralicja chciała przysłać holownik. Ale kapitan Karnowski uparł się, żebyśmy weszli do portu o własnych siłach. No i weszliśmy robiąc 200 metrów na godzinę. Przyjęto nas bardzo uroczyście. Koledzy na pływającej bazie — HMS Madston rzucali czapkami w górę. My cieszyliśmy się znacznie mniej, gdyż na wstępie czekała nas nie wąska robota: trzeba było wyciągnąć całą grupę baterii tj. 140 sztuk i na ich miejsce wmontować nową. Ledwo wydobyliśmy baterie, gdy gruchnęła wieść, że rząd francuski z Vichy wypowiedział Anglii wojnę i że Gibraltar ma być zbombardowany przez lotnictwo francuskie.

Po wymontowaniu jednej grupy baterii okręt nie mógł wyjść w morze, ponieważ nie utrzymałby równowagi. Zabrał się więc do ładowania na miejsce

(Dok. na str. 21)

wiącego zaledwie 10 proc. budżetu ogólnego, podczas gdy trzy razy więcej przeznaczano na 11-letni plan oświatowy, główne dzieło Bodet Torreta. Generalowie nie mają odwagi powiedzieć cokolwiek co mogłoby być zrozumiałe jako chociażby pośrednie wyrażenie opinii politycznej. Coż to za szczęśliwy i jak rzadki w Ameryce Łacińskiej kraj, gdzie politycy są politykami, a generalowie generałami!

IV

Pod kątem widzenia jakichkolwiek doktryn i maksym filozofii politycznej formułki meksykańskie organizacji życia politycznego mogą napełnić podlegać ostrej krytyce. Trudno byłoby zalecać ślepe ich zastosowanie gdziekolwiek poza ziemią ograniczoną Jukataniem, rzeką Rio Negro i płaskowyżem

gwatemalskim. Czytając to co napisałem nie mogę się zresztą oprzeć wrażeniu, że daje to obraz jednostronnie przedobrzony tego ciękawego kraju, któremu daleko do tego by był rajem na ziemi. Dużo jeszcze tam nędzy, analfabetyzmu, a nawet głodu u dołu, nie bez pewnej dozy korupcji u góry. Potwornie przyspieszony przyrost ludności zagraża dobrobytowi społecznemu. Nie brak wielu jeszcze innych bolączek, braków i niedociągnięć. Nie wyszło dotąd z kolebki planowanie rozwoju społeczno-gospodarczego, bez którego mało dziś można osiągnąć.

Wszystko to prawda. Ale prawda też niezbita, że w niełatwych obecnych warunkach Ameryki Łacińskiej żadne państwo nie zdobyło się na taki wysiłek opanowania piętrzących się przed nim trudności jak ta pełna dziwnego wdzięku i wspaniałego wigoru republika indiańska.

baterii balastu ze złomu żelaznego. Robotnicy portowi i członkowie załogi pracowali 22 godziny, żeby ten balast założyć. A nalożenie nie nastąpiło.

Znowu wydobywaliśmy balast i montowaliśmy baterie. Niech to licho trzaśnie! Dawno już nie napracowałem się tak solidnie.

W drodze do Anglii na wysokości Bretanii spotkał nas zgodnie z przepisami niszczyciel angielski, i zaraz zasygnalizował, czy czegoś nie potrzebujemy. A nam potrzebny był, jak cholera, świeży chleb, bo na starym można już sobie było zęby wylamać. Więc powiadaliśmy ich o tym, a oni sygnalizują: "Spokojna głowa, za trzy godziny będziecie mieli świeży chleb".

I co państwo powiecie, nie minęły trzy godziny, a przysłano nam 80 kg. jeszcze ciepłego chleba. Trzeba było widzieć jak wiara zajaśniała się tym chlebem bez masła, bez sera, bez boczku, jak by to były najlepsze ciastka.

Do Dunoom przybyliśmy w nocy. W dwa dni potem otrzymaliśmy rozkaz, aby przedstawiciele załogi stawili się w porcie szkockim Troon na spotkanie z gen. Władysławem Sikorskim.

Gen. Sikorskiego widziałem po raz pierwszy na Malcie, kiedy dekorował całą naszą załogę Krzyżem Walecznych. Pamiętam, że przybyliśmy wtedy z patrolu, który zamiast 20 trwał 29 dni. Skończyła się żywność i przez wiele dni zjarmoczyliśmy tylko mięso wołowe z puszek, popijając je herbatą. Po tej diecie nogi się pod nami chwiały, a tu od razu ledwo przyjechaliśmy każą nam się golić, puścić i czyścić mundury, a potem stać 10 minut na baczność w czasie przemówienia Naczelnego Wodza.

Do Troon wytwopowano por. Fritza, bosmana Domicza i mnie. Spotkaliśmy tam załogę ORP Garland. Okręt ten został zbombardowany przy wybrzeżach Norwegii i wielu ludzi zginęło. Tam to właśnie jeden z ciężko rannych miał napisać palcem umaczanym w krwi: "Jak słodko jest umierać za Ojczyznę", co wkrótce przeszło do legendy polskiej marynarki wojennej.

Ale wracając do gen. Sikorskiego to w czasie przeglądu stanął przed por. Fritzem i pyta:

— "Sokół"? Wiem, wiem. A ileście zatopili okrętów nieprzyjacielskich?

Por. Fritz wyprężony jak struna odpowiada:

— Sporo, panie generale.

Naczelnny Wódz zdenerwował się.

— Jak to sporo? Dwa, trzy, pięć?

Wtedy dopiero por. Fritz wykrztusił właściwą liczbę, zdaje się, że siedem. Tak to czasem bywa: waleczny marynarz nie zawsze się odznacza lotnym umysłem.

(D. c. n.)

JERZY R. FUSIARSKI

SPRZEDAJĘ i PRZYJMUJĘ

W KOMIS

KSIĄŻKI POLSKIE

SEWERYN HARTMAN

Av. Ipiranga, 1071 — cj. 811

Caixa Postal 4530

Tel.: 35-5432

SÃO PAULO

DWIE STOLICE — DWA NARODY

Najbardziej rażącym przeżyciem dla kogoś, odwiedzającego Europę po dłuższym pobycie na wielkich przestrzeniach innych kontynentów, musi być wrażenie zatłoczenia, rażącego w wielkich miastach starego kontynentu. Wiadomo, gdyż to już obliczono matematycznie, że gdyby nie wstrzymało się obecnego tempa zwiększania się ludności naszej planety, to w niezbyt odległej przyszłości nie byłoby na ziemi w ogóle siedzących miejsc — wszyscy musieliby stać. Przed nadejściem tego bądź co bądź odległego dla obecnych pokoleń momentu musiałby przyjść moment, że cała ziemia będzie wyglądała jak obecnie Paryż albo Londyn, wielkie mrowiska ludzkie z wiecznym gwarem i wiecznym ruchliwym tłumem.

Druga refleksja, jaka przychodzi na myśl to fakt, że przy dzisiejszym rozwoju środków komunikacji te dwie stolice są tak bliskie siebie — znacznie mniej niż godzina lotu — a są jednocześnie tak bardzo różne od siebie. Wprost wierzyć się nie chce, że niezbyt szeroka wstęga wody — kanał La Manche — wytworzyła — na przestrzeni wielu wieków — to prawda — jak by dwa różne światy.

Z jednej strony francuski polot, żywiołowość temperamentu, lekkość w podchodzeniu do wszelkich spraw, między nimi miłosnych, a z drugiej strony murowana solidność, spokój, powściągliwość języka i wcale nie przesadzona angielska flegma. Paryż kipi, przelewa się — symbolem może być ruch aut na Place de la Concorde. Tam wydaje się jakby auta jechały we wszystkich kierunkach, ze wszystkich kierunków w jakimś zwariowanym pędzie. Wprost nie chce się w głowie pomieścić, iż nie wpadają na siebie i że nie zamieniają placu na jedno rumowisko — że w tym szaleństwie jest metoda, aby użyć słów nieśmiertelnego Szekspira. W Londynie przy obecnym już nieprawdopodobnym zagęszczeniu ruchu na prawym brzegu rzeki od rana tworzą się długie ogonki samochodów w odległości 10 kilometrów od centrum, tworząc korki nieraz trwające godzinami. Długie sznury aut posuwają się w żółtym tempie, spokojnie, bez trąbienia — oczywiście — póki nie odkorkują się na

drugim brzegu Tamizy. Na wycieczkach niedzielnych — jeśli to można w ogóle nazywać wycieczkami — ogonki aut potrafią dochodzić do 25 kilometrów. Tylko Anglicy mogą to znieść i podobno znajdować jeszcze w tym przyjemność!

Tak różny temperament narodowy odbija się w traktowaniu turystów, których wszędzie jednakowo uderza się po kieszeni, jak tylko można. W Paryżu taksówka wiozła nas z biura linii lotniczej do dzielnicy 15-ej w taki sposób że należność wyniosła trzy razy więcej, niż normalnie. Wydało się to w drodze powrotnej, gdy na głosną uwagę: "Zdaje się, że znowu zwiedzamy Paryż", — kierowca odwrócił się i powiedział dobrą polszczyzną: "Ja tego nie robię, proszę państwa", — Był to Ukrainiec z Kijowa, pewno "własowiec", który pozostał na Zachodzie. Po pierwszej wojnie światowej w Paryżu rościło się od białych Rosjan i coraz wsiadało się do taksówki, prowadzonej przez takiego emigranta, ale ci powinni już dawno wymrzeć, a przynajmniej nie siedzieć za kierownicą. Istotnie nasz Ukrainiec powiedział, że w Paryżu jest tylko jeden jeszcze kierowca z tamtych czasów, a mianowicie 80-letni kozak doński, zakonserwowany przez większą konsumpcję wódki i "sałata" (słoniny).

Różnica w temperamentach i zwyczajach taksówkarzy po obu stronach kanału wyszła na jaw na lotnisku w Londynie. Taksówkarz, sztywny i cedzący słowa, jak by wyjęty z żywca z jakiejś komedii, parodiującej Anglików, poprosił grzecznie, ale stanowczo o zgodę na fakt, że przewóz do wymienionego punktu wyniesie określoną sumę, a wskazanie licznika będzie bez znaczenia. Znowu było to trzy razy więcej, ale przyjemniej być oskubanym na sposób angielski, niż francuski.

W tym wypadku, jak i w innych, jest to kwestia "manners" (zachowania się). W czasie mego pobytu, prasa pisała, że pewien Anglik po powrocie do kraju po dłuższym pobycie za granicą oświadczył, iż najbardziej odczuwał za granicą brak "English manners" i "English vegetables" (jarzyn). Co do pierwszego punktu trzeba się zgodzić — jest bezsporny, natomiast można kwestionować punkt drugi. Niewątpliwie charakterystyczna cecha Anglii, szczególnie wiosną, to nieprawdopodobna zieleń trawników i wszelkiej roślinności — oczywiście wpływ wilgotnego klimatu. W tych warunkach jarzyny muszą uzyskiwać pierwszorzędną świeżość i dobry smak, ale to z powodzeniem niweluje się angielskim sposobem przyrządzania: gotowaniem aż do chwili pozbawienia ich wszelkiego smaku w ogóle. Jeśli chodzi o jedzenie, to nadal rozgranicza Anglię i Francję nie kanał La Manche, a przepaść. We Francji jest to nadal kult, w Anglii zaspokajanie głodu. Większość napewno Francuzów wierzy w to, co powiedział pewien aktor francuski, rozczarowany do Anglosasów (w tym wypadku chodziło o Amerykanów): "Najlepszym dowodem, że Amerykanie nie są narodem kulturalnym jest fakt, iż spieszą się przy jedzeniu!"

W Paryżu byłem w końcu maja na Targach Międzynarodowych, a ponieważ widziałem je również kilka lat temu, uderzyła mnie charakterystyczna zmiana: dział ciężkiego przemysłu i maszyn zmalał, natomiast rozszerzył się dział turystyki, win, serów itp. rozkoszy i luksusu. Jest to następstwo pomyślnego koni-



Suknia wieczorowa Domu Mody "Leda" w Warszawie.

unktury gospodarczej w krajach Europejskiej Wspólnoty Gospodarczej. Widocznie oczekuje się, że będzie ona trwać nadal, gdyż mimo kryzysu jaki przechodzą wszelkie targi międzynarodowe buduje się nowe, duże pawilony. Widocznie do istniejących kilkuset gatunków francuskiego sera mają dojść dalsze, jeśli rozwój będzie szedł w dotychczasowym kierunku. Kryzys targów w ogóle ma polegać na tym, że jest ich za dużo. Istotnie prawie w jednym czasie odbyły się targi w Mediolanie, Paryżu, Brukseli i Poznaniu. Londyn wydaje się mieć inną metodę: tam w Olympia odbywają się wyspecjalizowane wystawy, coraz to inne, bez harmidru żadnych targów międzynarodowych.

Może najbardziej rażąca różnica między metodami angielskimi i francuskimi zachodzi w polityce. Przyczynia się to zapewne do faktu, iż przeciwności i wzajemna niechęć między dwoma narodami są tak rażące, że trudno zrozumieć jak te dwa państwa mogły iść kiedykolwiek ręką w rękę w polityce międzynarodowej. Były w dwóch wojnach światowych sprzymierzone, ale gdyby w polityce decydowały narodowe sympatie i antypatie, to oba narody znajdowałyby się po przeciwnych stronach barykady. Właściwe nastroje oddaje taki fakt, jak to, że na pomniku Joanny d'Arc w Paryżu wyryto jak wół: spalona przez Anglików (choć i ówczesni francuscy kolaboranci maczali w tym palce). Co myślą o tej narodowej bohaterce francuskiej Angliki? Gdy de Gaulle sprzeciwił się dopuszczeniu Wielkiej Brytanii do Europejskiej Wspólnoty Gospodarczej, pewien dziennikarz angielski napisał dowcipnie: "Chyba czary. Zawsze podejrzewałem, że Joanna była czarownicą. Teraz jestem tego pewien".

Cieżyką próbą dla nerwów Anglików był fakt, że słynny wyścig Derby wygrał w tym roku znowu koń francuski i to wygrał "jak chciał" o 6 długości. Jednak triumfowały angielskie "manners". Nikt nie gwizdał, a królowa z prawie uprzejmym uśmiechem wręczyła puchar właścicielce zwycięskiego konia. Notabene nawet dla kogoś, kto nie interesuje się wyścigami konnymi, ale studiuję zwyczajnie angielskie zobaczenie Derby i obserwowanie całej jego atmosfery musi być interesujące. Widać z tych obserwacji, że Anglia powoli, ale wyraźnie zmierza do społeczeństwa bezklasowego. Różnice klasowe oczywiście istnieją, ale wielu dżentelmenów w tradycyjnym stroju na trybunie członkowskiej: szary cylinder, żakiet i spodnie w paski wsiada po wyścigach do taksówek, a nie do Rolls-Royce'ów z szoferem. Tempo znoszenia różnic klasowych — wyraźne mimo obecnych rządów konserwatywnych — nabiera nieco szybszego tempa (szybszego w rozumieniu angielskim), jeśli, jak wskazują wszystkie znaki na niebie i ziemi, w najbliższych wyborach, które muszą się odbyć przed jesienią 1964, zwycięży Labour Party. Faktem, który zwiększył szanse tej partii w przyszłych wyborach była afera ministra Wojny Profumo, która stanowiła prawdziwą sensację Londynu.

Znamionną cechą tej afery, świadcząca o angielskich "manners" był fakt, że żaden z dzienników nie przypomniał, że Profumo jest Anglikiem świeżej daty. Dopiero jego ojciec, baron włoski, osiedlił się w Anglii. Profumo, choć Anglik z urodzenia i wychowania, z temperamentu pozostał Wiochem i to tłumaczy jego postępowanie.

A. Gawar



W BRAZYLII — W BRAZYLII — W BRAZYLII

OBIEKTYWEM PO BRAZYLII

W czasie jednej ze swych podróży po interiorze gubernator stanu São Paulo odwiedził pewną fazendę w Turiuva, gdzie poczęstowano go szklanką świeżo udojonego mleka.

— Ale — opowiada Ademar de Barros — kiedy zobaczyłem jakie chude jest cięło nie miałem już wątpliwości — zwróciłem mu mleko.

I dodaje:

— Potrzebne mu było więcej, niż mnie. Chociaż, jak twierdzą złośliwi, gubernatorowi ostatnio, może właśnie na skutek licznych podróży, zmniejszył się nieco brzuszek.

—O||O—

Tym razem strażacy w Santos nie zostali wezwani do pożaru.

Tysiące pszczoł, przybyłych nie wiadomo skąd, zaatakowało dom pani Izabeli da Costa Oliveira przy ul. João Guerra 133 i tak pożałdło dziewięć ptaszków i jednego psa, że biedne stworzenia pomarły. Ofiar w ludziach na szczęście nie było, ponieważ mieszkańcom domu udało się na czas zwać. Strażacy musieli zastawiać gaz łzawiący, aby wykurzyć napastników.

ZNACHORZY I ZAMAWIACZE

(Dokończenie z nr. 36)

Opowiadanie Kłopotkiewicza wywołało ożywioną dyskusję. Padło pytanie, czy znachorów, zwanych w sertonie kurandejrami, nie należy uważać za szarlatanów, a zamawiaczy (benzedores) za oszustów, posługujących się czarną magią.

— Ani jedno, ani drugie — oświadczył Słoniowski. — Wszyscy znachorzy, z drobnymi wyjątkami, działają w dobrej wierze. Są to ludzie starsi, leczący ziołami, nauczeni doświadczeniem własnym i cudzym. Leczą za niewielkim wynagrodzeniem, biednych zaś bezpłatnie. Wystarczy im często samo podziękowanie. (Deus lhe pague — Niech ci Bóg zapłaci).

Zamawiacze działają wiarą w miłosierdzie Boskie. Zamawiają chorobę imieniem Boskim i znakiem krzyża świętego. Nie biorą żadnej zapłaty uważając bowiem, że nie oni, lecz moc Boska działa przez nich.

Zarówno znachorzy, jak i zamawiacze są dobroczyńcami ludności w zapadłych kątach interioru, gdzie nie ma lekarzy, ani aptek.

Odwiedziłem raz pewnego Brazylijczyka, sławnego kurandejra w argentyńskim San Antonio. Był to człowiek starszy o pięknej, inteligentnej twarzy.

Wszedłem do jego domku z łupanych piniorowych desek w chwili, gdy zawijał w papier zioła lecznicze i pouczał ubogą kobietę paragwajską jak ma je przyrządzać i podawać dziecku.

Kiedy kobieta po odebraniu ziół zapytała ile jest winna powiedział uśmiechając się, że nic.

— Deus lhe pague! Deus lhe abençoe! — odparła.

Po jej odejściu zaczęliśmy gawędzić przy szmaronie. Dowiedziałem się, że znachor był

W innym przypadku pomoc okazana przez strażaków okazała się bezskuteczna. Mieszkańcy domu przy alei Rangel Pestana 29 w tymże Santos od dawna już uskarżali się na niejakiego José Meuseu, który hodował pszczoły w swoim apartamencie. Strażacy próbowali wyeksmitować rój. Nie dali jednak rady. Strażak Drausio Lopes Figueiredo został tak pożałdony, że musiano go odwiedzić do szpitala.

—O||O—

Cuda dzieją się w rodzinnym stanie prezydenta Goularta. Niejaka Neli Aires, zamieszkała w mieście Rio Grande, do lat trzynastu czuła się świetnie jako dziewczynka i nie marzyła wcale o zmianie płci. Dopiero kiedy zaczęły się jej sypać włosy na brodzie zaniepokojeni rodzice powzięli pewne wątpliwości. Oddana do szpitala Neli Aires była 14 razy operowana, aż w końcu stała się normalnym chłopakiem. Pozostawiono jej jednak dawne imię, ponieważ w Rio Grande do Sul twierdzą, że nadaje się ono dla obu płci.

REPORTER

synem kurandejra, leczącego ziołami i homeopatią. Wyuczył się od ojca sztuki leczenia, ale stosował tylko zioła.

Zwróciłem mu uwagę, że jest do zawód gorzej wynagradzany, niż praca prywatnych nauczycieli na koloniach. Zachnął się na to i powiedział, że tak się tylko wydaje.

— Przecież widziałem jak za poradę i lekarstwa dostał pan jedynie pobożne: Deus lhe pague.

— Czy uważa pan, że Deus lhe pague nie jest pieniądzem?

— Zapewne, ale w niebie, nie na ziemi.

— Ma pan rację. Tak mię uczył nieboszczyk ojciec. "Synu — powiedział — człowiek zabiera z tego świata jedynie dobre uczynki. One są jego bogactwem." Uwierzyłem w to i ile razy ktoś mi dziękuje słowami: Deus lhe pague zdaje mi się, że słyszę brzęk monety, spadającej do skarbonki.

PINIOR

PP INFORMUJE:

Setne urodziny. Mieszkanka Batorowa pod Poznaniem — Józefa Zgoła skończyła 100 lat. Rówieśniczką Powstania Styczniowego czuje się świetnie. Nadal zajmuje się gospodarstwem domowym, często wybiera się na spacer. Jubilatka wychowała 8 dzieci oraz дочекала się 21 wnuków, 34 prawnuków i 3 praprawnuków. Na swe urodziny J. Zgoła ubrała się w swój ulubiony strój hamberki.

Żubry w Bieszczadach. W Puszczy Białowieskiej żyją 93 żubry. Z tego 56 korzysta z całkowitej wolności. Ubiegłoroczny przychówek wynosił 16 sztuk. Wszystkie żubry przeżyły zimę 1963 w doskonałej kondycji. Interującym zamierzeniem jest osiedlenie w Bieszczadach części żubrów białowieskich.

GARIMPEIRO QUELUZ

WSPOMNIENIE Z GOIÁS

(C. d. z. nr. 34)

W rozgwarze, który nastał, rozległo się wołanie Matiasa. Udzielono mu głosu, ponieważ zapewniał, iż chce świadczyć, potwierdzić. Niech świadczy!

— A czy wiecie ile tam po was zostało jeszcze na rumowisku? Blisko dwa kilogramy złota.

Zagadnięci wymienili pomiędzy sobą zakłopotane spojrzenia.

— Dwa kilo! — powtórzył z przechwałką Matias. — Zaraz po dochodzeniach policyjnych poniosło mnie nad Itatingę we dwójkę z przygodnym towarzyszem. Koło wodospadu czekała na nas gotowa ransza, w górze strumienia *banqueta* z kośćcami żmij i narzędziami, które się bardzo przydały, bo były lepsze od naszych, chociaż pordzewiały. Cały tydzień trwała moja uczta na waszych śmieciach. *Obrigado!*

Casagrande postanowił wziąć go na spytki. — Wyrobisko znajdowało się na prawym brzegu strugi? — zagadnął zniechęcony.

— Na lewym, seu Antonio, na lewym.

Spróbował i Murzyn.

— Pamiętasz cypel przy ujściu Itatingi? Do czego był podobny?

— Wyglądony przez wodę kamień przypominał to, co mają na myśli ludzie w Paranie mówiąc: "Mam cię gdzieś!"

— Zgadza się — mruknął Casagrande.

— Szkoda czterdziestu kont! — westchnął Murzyn.

Dziewczyny zainteresowały inny szczegół. Siedziały jedne przytulone do matek, inne ściśnięte w zwarte gromadki. Wyrosły w sertonie, na odludziu, nieśmiały, a jednocześnie zaciekawione, spoglądały wilgotnymi oczami gdzieś poza ognisko w świat daleki i szeroki, chwytając jego obrazy w miarę zarysowywania się na gawędziarskiej taśmie, a nie zawsze nadążając za tokiem rzeczy.

— A co się stało z Tonikiem Alpendre — odezwiała się najśmielsza, nakłoniona do wystąpienia przez szepty, a potem kuksańce przyjaciółek. — Mówicie tyle o innych. Czy zapomniałście o nim całkiem?

— Nie wyrozumieliście to gąski same od siebie — powiedział ze zgorzsną miną Leonidas, — że człowieka, który zwał się niegdyś Alpendre, macie przed nosem w osobie prezesa Antonia Casagrande? Kociaki wy jeszcze, kociaki, co nie wylazły dotąd za płotek. To już raczej pytajcie dlaczego na kierownika magazynu spółdzielni obrano akurat mnie, dawnego obiboka. Smakuje wam fizon omaszczony codziennie suszonym mięsem, skopowiną albo rybą, nie? Podobnie było z Alpendre. Nie przepychał się łokciami, ludziska szli za nim z własnej woli i dali mu nowe nazwisko. Wracając z Parany zawadził o duże miasta i przywiózł stamtąd pomysł pierwszej spółdzielni w garimpach.

3

W inne wieczory tańce kończyły się o tej porze. Czas było zbierać rozespianą, zwiniętą w kłębki, dziatwę i pakować ją do hamaków. Zaskrzył sobie na medal kto pierwszy wpał na pomysł hamaku i podsunął go mieszkańcowi sertonu na miejsce barłogu lub łóżka. Rozpięty od słupka do słupka góruje hamak nad potocznymi sposobami sypania przede wszystkim wygodą: jest łatwo przenośny i obywa się bez postania.

Tej nocy nie chciało się jednak nikomu spać chociaż tarcza księżycy wisiła już wysoko nad pagórkowatym stępem Pączków. Obraz autentycznego *bamburra* urzekł wszystkich. Jakże tu wstać z pieńka, skoro się

podpatruje sekrety czyjegoś powodzenia i uczy sztuki odnalezienia miejsca, w którym odmienia się los błędnego poszukiwacza?

Jak tu wpaść na upragnione *bamburro*? Ani Bahijczyk, ani Murzyn, ani Wilkołak nie znali się na tym. Poszli śladem jeźdźca i tyle. A jeździec, jak jeździec! Owego dnia mignął jak cień, teraz zaś zatracił się w sertonie, szukaj wiatru w polu.

Sluchacze upomnieli się o niego.

— Panowie, opowiedzcie o Queluzie, co to dobrał się do skarbu nad Kciukiem Tytoniu i uszedł z łupem. Skąd przybywał i kim był? Czy nie spotkaliście go ani przedtem, ani potem?

Ktoś dorzucił polan do ogniska, ściemniło się chwilowo. Z mroku ozwał się szyderczy głos:

— Upaśliście rekina, głupcy.

— Znasz dobrze Queluzę, Matiasie? — spytał Antonio.

— Ba, jak nie wpaść na trop wagabundy, snującego się od płuczki do płuczki. Był w Mato Grosso, gdy garimpowałem w tamtych stronach lat temu trzy.

— No, to powiedz co wiesz.

Ale Matias miał niewiele do wyjawienia. Gadał powodowany wrodzoną przekorą, a jeszcze więcej chęcią spopularyzowania swej osoby. Umizgał się do dziewcząt, które od niego stroniły, zabiegał o mir w kołach spółdzielni, do której wstęp był po ożenku. Szczerbaty i Queluz deptali sobie czasem po piętach, lecz nawet po wypadku w Piraquarze, kiedy pod Matiasem osunęła się opoka podwodna w trakcie podbierania diamentowego żwiru, nie doszło do zawarcia bliższej znajomości.

— Wyjaśnię wam — powiedział — co Queluz ma wspólnego z rekinem. Garimpuje najczęściej w pojedynkę, jest wszędobylski i wszystkożerny: złoto, rtęć, diamenty, ametysty, szmaragdy, nawet czaple pióra i kauczuk — wszystko mu jedno. Co znajdzie polyka jak struś, nie zdradzając się przed towarzyszami. Jeżeli od czasu do czasu przystanie do gromady to co z tego? Tak się zawsze urządza, żeby zostać z najlepszym kamykiem. Na śmiech mi się zbiera, kiedy słyszę o nowej sprawie żarłacza. Oj, niedojdy, ciołki!...

Pod grad żartów dostał się z kolei Leonidas. Odpierał je z niezmaconym spokojem, potrząsając fryzowaną z natury czupryną.

— Opowiedz nam, Czarnuszkę, o Queluzie. Jak wygląda, jakiej jest maści?

— Ciasnym głowom, wiadomo, najpierw maść na myśli. A więc ten kocioł pochodzi z rasy płowych łowców. Na łbie ma wiecheć

podobny do kudiów kwitnącej kukurydzy, a czy jego brr!... przypominają chyba mleczną nasadę krzysztalu.

— Przyznaj się wiele razy padłeś przed nim plackiem.

— Widziałem go wówczas po raz pierwszy i ostatni w życiu.

— Opowiedz teraz jak gnałeś ze złotym półtora bananem w tobołku. Chętnie posłuchamy.

— No cóż, gnało mnie jak i ciebie kiedyś poniesie, zamów tylko *bamburro*.

— Chcemy wiedzieć jak dobrnąłeś do pierwszej ścieżki, jak ścieżka wyprowadziła cię na dróżkę, jak ta drożyna rozrosła się w gościniec na końcu którego napotkałeś miasteczko, a następnie po wielu, wielu dniach wędrówki o kijek — większe miasto.

— Niech i tak będzie, opowiem. Gdy rozstawaliśmy się Antonio poszedł na wschód. Mnie przypadł kierunek przeciwny: ze stepu w gąszcz, z bezdroża w puszcę dziewiczą, na bezludzie. W widłach dwóch rzek trafiłem na zdziczałe banany, drzewa pomarańczowe pokryte brodami mchów, zmarniały maniok, zwyrodniałe bataty. Odkryłem miasto po wymarłych Guarańczykach, o którym nikt nie wiedział. Jeść było co, przyniosłem z sobą ogień i nóż. Ale po drugiej zmianie księżyca poczułem, że mi coś doskwiera. Ciężko osamotnienie, a w węzku złoty kruszec. Na tę dolegliwość znałem tylko jedno lekarstwo — powrót do ludzi. Niewiele myśląc skreśliłem na miejski szlak Antonia.

— Na bruku ulicznym Murzyn, byle bogaty, jest równy białemu.

— Tak też było, żebyś wiedział! A jak mi poszło to zaśpiewam:

"Było złotko,
złotko ubywało,
po złotku zostały
tylko wspomnienia".
W końcu...

— Wiemy, wiemy. W końcu trzeba było pożegnać miasto i poprosić serton, żeby zechciał przyjąć z powrotem na rodzicielskie łono marnotrawnego syna.

— Skoro o tym wiecie to nie mam nic więcej do powiedzenia.

Inaczej było z Antoniem. Już po kilkunastu krokach przemógł w sobie strach i wrócił na miejsce wypadku, aby spełnić obowiązek bliźniego i uczciwie, po garimpersku pochwalić nieszczęsnego kolegę. Ruszywszy, następnie, w drogę zorientował się wnet, że padała tropem Queluzę.

(D. c. n.)

PAWEŁ NIKODEM



Polowanie w Mato Grosso. ze zbiorów Michała Czerewko, São Paulo.



Przegląd ważniejszych wydarzeń

Na początku smutna wiadomość. Zmarł Gustaw Morcinek. Zналиśmy Go wszyscy. Był bliski naszemu sercu. Ten pisarz właściwie regionalny, bo śląski, dzięki potędze swego słowa, bezpośrednio i prostocie stylu, a zwłaszcza umiejętności dawania obrazów z życia prostego człowieka, stał się ulubionym pisarzem wszystkich Polaków. Pozostawił po sobie wiele powieści poświęconych środowisku górniczemu, w tym środowisku czuł się najlepiej. Napisał też szereg książek przygodowych i młodzieżowych. Chorował od dłuższego czasu, umarł w szpitalu krakowskim, żył 72 lata.

W drugiej połowie grudnia cała Polska znalazła się w okowach mrozu. Duże opady śniegu i temperatura dochodząca do — 24 st. C utrudnia komunikację samochodową. Ludzie obawiają się, żeby obecna zima nie stała się drugą zimą stulecia.

CZARNA PANI

W bramie miednica z roztworem chlorku, trzeba przemyć ręce. Klamki obciążone paroma warstwami bandaża. Na pierwszym piętrze gabinet: drzwi obite ceratowymi poduchami, biurko, dwa telefony: biały i czarny, fotele. Napis na ścianie: Witamy się bez podawania rąk. "Pozornie — hasło kodeksu towarzyskiego. Człowiek, który mnie wita w tym gabinecie, umyka mi dłoń i wykonuje ukłon nieco niższy, niż normalnie. Coś wschodniego, nowy ceremoniał powitania, savoir-vivre czasu zarazy.

Dr. Rodziewicz opowiada:

"15 lipca, w poniedziałek, jak zawsze zacząłem urzędowanie o siódmej rano. Sekretarka przyniosła mi kawę. Rozłożyłem gazetę, interesowały mnie prognozy pogody. Wybrałem się na urlop. O siódmej pięć do gabinetu wszedł kierownik oddziału zwalczania chorób zakaźnych. "Jurek — powiada — to wydaje się nieprawdopodobne, ale skojarzę następujące fakty. 10 lipca zmarła na białaczkę z objawami ospy wietrznej pielęgniarka Kowalówna. Jej matka, Połubińska, u której wystąpiły podobne objawy, leczona była przez dr. Stefana Zawadę, który też zachorował. Rozpoznano ospe wietrzną o ciężkim przebiegu. Teraz już wiesz".

Dr. Rodziewicz, dyrektor Stacji Sanitarnej-Epidemiologicznej, rozumiał, że stoi wobec decyzji o nieograniczonych i niemożliwych do przewidzenia konsekwencjach. Lawina następstw wyniknie z faktów, jakich — wiedział to, dobrze — nie umiał sobie jeszcze wyobrazić, bo jego wyobraźnia nie podawała żadnego obrazu poza jakimś średnio-wiecznym opisem. Mija pięć minut. W tym czasie, jeśli przyjąć, że w mieście jest zaraza — jacyś nieznanzi, dotknięci już chorobą ludzie przeszli odcinek drogi i szerzą chorobę.

Godz. 7.15. Dr. Rodziewicz łączy się czarnym telefonem z miastem. Wypowiada sakramentalną formułę: "Na podstawie dekretu... z dnia... proszę o zamknięcie drzwi szpitala aż do odwołania. "Nikt z ludzi, którzy godzinę potem pochylają się nad chorym kolegą nie widział na oczy ospy prawdziwej — variola vera. Kiedy o godz. 13 do-

Na zakopiańskich Krupówkach pełno turystów. Zakopane na ogół starannie przygotowało się do obsłużenia masowego ruchu. Sklepy są dobrze zaopatrzane. Restauracje odnowiono i unowocześniono. Stan dróg dojazdowych, które są odśnieżane i posypywane piaskiem, jak dotąd nie pozostawia nic do życzenia.

Nareszcie otrzymaliśmy informacje o tegorocznym zbiorze okopowych. Ciepła na ogół i wilgotna jesień poprawiła znacznie stan buraków i kartofli. Urodzaj ich jest nieco większy, niż w r. 1962. Dzięki temu nie zabraknie w Polsce cukru, a i na eksport wystarczą. Nie należy też oczekiwać braku paszy dla nierogacizny, aczkolwiek stan pogłowia nieprędko po dwóch klęskowych latach ulegnie zwiększeniu.

(as)

chodzi do pierwszego posiedzenia rozszerzonej Rady Epidemiologicznej jeden ze specjalistów stwierdza, że alarm jest niepotrzebny, bo byłoby rzeczą nieodpowiedzialną wyolbrzymiać znaczenie trzech zachorowań na wietrzną ospe. Naukowiec, rzucający na szalę cały swój autorytet, czyni niezmiernie trudnym podjęcie decyzji. Dochodzi do scysji. "Proszę napisać i podpisać tę diagnozę". "Nie, tego nie napiszę" — brzmi odpowiedź. "Wobec tego nam nie wolno postąpić inaczej jak podjąć bez pana decyzję". Podjęcie tej decyzji oznacza: traktowanie dotychczasowych wypadków variola vera, a co za tym idzie — podjęcie działań bez precedensu, wpłatanie się w wydarzenia, z których każde ma niemożliwe do przewidzenia konsekwencje. Brak jakiegokolwiek instrukcji, schematów, precedensów.

Rozszerzona Rada Epidemiologiczna natychmiast zamienia się we władzę ustawodawczą: opracowuje zarządzenia, instrukcje, dyrektywy, statuty. Władza wykonawcza podzielona jest na 11 resortów: Zespół Ogólny — kierownictwo ogólne, koordynacja, informacja, Zespół Kontaktów, Zespół Diagnostyki i Konsultacji, Zespół Kwarantanny, Zespół Izolatoriów, Sprawy Gospodarcze i Finansowe, Transport i Łączność, Zespół Opieki nad Rodzinami Osób Izolowanych, Zespół Szczepień Powszechnych, Zespół Szpitala Szczodre, Zespół Dezynfekcji. Pierwsza dyrektywa Rady nakazuje Zespołowi Kontaktów natychmiastowe ustalenie kontaktów. Pracownicy służby zdrowia nagle stają się detektywami. Zaczynają przesłuchania. Wychodzą od osób chorych — jeśli te mogą zeznawać, odtwarzają dokładnie przebieg ich minionych dni i notują na specjalnej liście nazwiska wszystkich osób, z którymi chory się zetknął bliżej (kontakt I rzędu) lub z odległości (II rzędu). Kontakty I rzędu podlegają izolowaniu, II rzędu — kontroli. Niektórzy rozpaczają, że narazili się na izolację i — być może — chorobę: "po cóż mi było iść na spotkanie z człowiekiem, którego poznałam w pociągu", "padał deszcz i mogłam nie wychodzić po warzywa i kwiaty". Te przypadki komponują najdziwniejsze zestawy osób, tworząc nieoczekiwane przekroje społeczne. Prawie wszyscy idą do izolatoriów bez oporu, wielu Wrocławian zorientowawszy się, że mieli kontakt z chorym, zgłasza się z własnej inicjatywy niosąc ze sobą

piżamy, ręczniki, przybory toaletowe, nieraz zapas książek, podręczniki do nauki języków, przybory piśmienne czy wełnę na robótki. Wiele doniesień telefonicznych, czasem anonimowych wskazuje kontakty nieznanne Zespołowi. Człowiek, który sam siebie określił, że jest "wielozenny", prosił, żeby żonie I nie mówić o tym, że z "drugą" żoną miał też kontakty, które można zaliczyć do kontaktów I stopnia.

Najpierw badane są kontakty Kowalówny. Okazuje się to trudne. Chora nie żyje. Przewadziła ruchliwy tryb życia. Była na weselu, potem zdawała egzamin pielęgniarstwa. Była lubiana, miała wiele znajomości. Dlatego na jej pogrzeb stawili się dużo ludzi. Trzeba odtworzyć listę gości weselnych (nowożeńcy wraz ze wszystkimi idą na miodowy miesiąc do izolatorium) — i prowadzić drobiazgowo śledztwo wśród żałobników. Tworzą wspólnie jedną "rodzinkę ospową" i razem idą do izolatorium. Wynik jest zatrważający: sama Kowalówna dała 90 kontaktów. Jeśli te osoby zachorują będzie się miało do czynienia z postępem geometrycznym. A jednak nikt w czasie egzaminu pielęgniarstwa nie zauważył drobnego epizodu: Kowalówna, już gorączkująca, podniecona, uradowana ze zdanego egzaminu, obejmuje i całuje w usta koleżankę. Ten pocałunek oznacza śmierć. Parę dni potem pocałowana umiera.

Śledztwo ujawnia, że jeden z kontaktów Kowalówny, pracownik służby zdrowia, przed rokiem, w czasie szczyptu w swoim szpitalu powiedział siostrze, że już szczepił się gdzie indziej. Zapisala jego nazwisko i nie wiedzieli oboje, że był to zapis w księdze umarłych. Matka Kowalówny, Połubińska, i salowa Dylewiczowa miały ze sobą styczność. Wątek Dylewiczowej potwierdza obawy co do geometrycznego rozszerzania kontaktów. Dylewiczona mieszka w trzypokojowym mieszkaniu. Pokoje w amfiladzie. Na drzwiach szyld: "Podnoszenie oczek". W pierwszym pokoju — maszyna do podnoszenia oczek. W drugim pokoju panie Izakiewiczowe: matka z córką, właścicielki przedsiębiorstwa, w trzecim Dylewiczowa z mężem i dzieckiem. Pytana przez ekipę ustalania kontaktów córka Izakiewiczowej wspomina jako o kontakcie o "Felku-taksówkarzu". Matka rzuca się na córkę, zaczyna ją bić. Córka ujawnia wtedy pseudonim matki: "Bronka". Matka grozi jej zemstą "Felka". Wtedy córka rozszalona zaczyna sypać kontakty — imiona i pseudonimy dziewcząt: "Celka", "Bruzda", Stasia, (D. c. na str. 25)



Hania. Pończocha jest umówionym znakiem, który pokazuje się przy wejściu. Jeżeli tabliczka jest oświetlona czerwoną lampką, znaczy, że można wchodzić. Także każda z dziewcząt musi mieć ze sobą jedną pończochę z oczkiem, żeby pokazać w razie najścia milicji. Dalsze przesłuchania matki i córki ujawniają, że na sąsiedniej ulicy jest "filia" tego domu publicznego, prowadzona przez siostrę "Bronki" Wandę. Są tam trzy pokoje i trzy klasy usług. Pierwszy pokój: czyste, podwójne łóżka małżeńskie, lampiony, obrazy. Drugi pokój: tapczany. Trzeci pokój: — barłogi na ziemi. Goście oceniani są po wyglądzie: brudni oddzielani od czystych. "Wyglądający na dyrektorów" kierowani do łóżka małżeńskiego. Wielką wagę trzeba przywiązywać do tych szczegółów: te miejsca mogą się stać niebezpiecznym ogniskiem zarazy. Ustalenie listy gości jest trudne. Dziewczeta nie znają nazwisk, tylko imiona, najczęściej nieprawdziwe. Niektórych trzeba dyskretnie zabierać od rodzin, które automatycznie stają się kontaktami II stopnia. Ci ludzie wypierają się, że bywali u "Bronki". Jeden z zaskoczonych gości o nobliwym wyglądzie podaje swoje nazwisko, imię, wiek, adres, zawód, po czym prosi, żeby mu pozwolono wyjść po pastę do zębów i mydło. Uda się mu się umknąć. Zaczyna się pościg — ale pod wskazanym adresem nikt go nie zna. Okazuje się, że na oczekaniu wymyślił sobie personalia, stworzył inną postać.

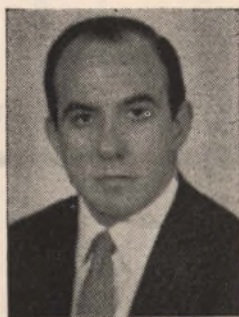
W jednym ze szpitali izolowani chorzy odnajdują przejęcia piwnicami do sąsiedniego domu, pochodzące jeszcze z czasów oblężenia Wrocławia, kiedy hitlerowcy nie mogli się poruszać ulicami. Przejęcia te zamurowane zostały powtórnie wybite i więźniowie zarazy wydobywali się na wolność. Jeden z uciekinierów błąkał się trzy dni po mieście, nocował w piwnicach, ogródkach, aż wytrpił go wywiadowca milicji. Nie mógł się jednak do izolowanego zbliżyć: musiał utrzymywać dystans 5 metrów, nie pozwalał tamtemu uciec, byli wżajem swoimi więźniami przez wiele godzin.

W ciągu kilkunastu godzin nastroj w mieście stał się poważny. Nikt nie chciał pomagać uciekinierom i ukrywać ich: bano się kontaktów z nimi. Trasę ich ucieczki w dzielnicy, gdzie ich znano, odtwarzały telefony do władz — byli zupełnie samotni, działali w pustce.

Jeszcze nigdy zarządzenia władz nie były tak przestrzegane. "Kiedy patrzyłam na onustoszałe białe od słońca uliczki Starego Miasta, bałam się. To przypominało miasto w czasie zarazy. Dopiero potem zorientowałam się, że miasto w dzień było puste z powodu straszliwych upałów" — opowiadała mi studentka historii sztuki.

Za to wieczorem, jak by nie było zarazy, ulice zapelniały się. Pito dużo. Mówiono powszechnie, że alkohol dezynfekuje. Pojawia się nowe słowo: pięćdziesięciogramowy kieliszek wódki nazwano "szczepionką".

Państwu J., niemłodym już około 40-letnim ludziom miesiąc przed zarazą urodziło się dziecko. Wiadomość o ospie przyjęli z przerażeniem. Postanowili zrobić wszystko, by zmniejszyć szanse zarażenia tego jedyne-go dziecka, jakie mogli mieć. Pan J., pracownik naukowy, mający przerwy wakacyjną, przygotował w ciągu 15 minut listę prowiantów. Zeszedł na dół i kupił zapasy żywności. Mam w notatkach tę kartkę obejmującą około 30 pozycji. M. in. 5 kg. maki, z której sami piekli sobie chleb, słodkie ciasto i podpiomyki, puszki z konserwami, zapasy tłuszczów, jarzyn, serów, kasz, mleka w proszku i skondensowanego. Przez 12 najcięższych dni nie wychodzili z domu. Nie wypuszczali nikogo, nie reagowali na dzwon-



JAMIL
NAMI
CURY

Embora o conservadorismo arcaico não o permita, o Brasil, acompanhando o desenvolvimento dos povos, entrou na era mecânica.

A era das máquinas, paralelamente à supressão da mão de obra excessiva, criou o chamado "operário especializado", com destaque ativo e privado.

O nível humano do operário brasileiro, sofreu uma radical transformação para melhor, desde que o nosso país demonstrou por reações naturais, suas necessidades de projeção industrial.

Indubitavelmente, a indústria nacional não tem cercado a nossa auto-produção da matéria prima, posto que a importação de substâncias e produtos matizes, somam para mais de 68% do consumo industrial.

Embora pueril, nossos homens de direção ainda não se despojaram das ambições pessoais, chegando mesmo a causar paralizações abruptas e calamitosas de determinadas indústrias de base, impossibilitadas por falta de matéria prima oriunda do exterior.

As dificuldades criadas pelos órgãos encarregados da importação, chegou a causar até a desistência por parte do interessado.

No tocante à exportação, causas várias e inúmeras, forçam o superproduto às vendas internas, até com algum prejuízo.

O problema é elementar: — "O Brasil precisa de divisas—lastro". A solução é exportar o excedente. A exportação programada e planejada, obriga a gastos e dispêndios de enormidades incalculáveis sem contar o tempo. Resultado: "para que exportar, se, dando desconto igual às despesas obrigatórias, o produto pode ser colocado internamente?" — Conclusão: — "O Brasil continua sem divisas".

O círculo-vicioso, exonera a boa vontade de qualquer cidadão bem intencionado.

As portarias e instruções se sucedem, visando uma promoção regional ou nacional, que traga benefícios ao nosso lastro-divisa.

Sem qualquer dúvida, o Brasil já atinge maioridade industrial.

O operário brasileiro demonstrou de sobejo, o grau de sua capacidade.

As escolas técnicas-industriais fazem sentir a sua utilidade orientadora e científica, criando e desigualando os pontos cardeais da indústria carecida de especialistas.

O grau e a capacidade de produção de

ki. Ktoś dobijał się. Nie wiedzą, do dziś kto. Może zaraza? Wyłączono im światło, niezapłacone. Ostatnie dni siedzieli przy świecach.

(D. c. n)

KRZYSZTOF KĄKOLEWSKI
(Świat)

"A MARCHA ECONÔMICA"

nosso homem da indústria, é conhecido por todos nós

Os salários endereçados aos especializados, já somam gabaritos que proporcionam vida humana de equilíbrio e realmente são.

A super produção de determinados produtos, começam a forçar o deslocamento de indústrias para as áreas sub-desenvolvidas.

Com referência as instalações de subsidiárias em zonas longínquas, as iniciativas já se fizeram sentir: — é a marcha do progresso industrial, para as plagas menos favorecidas.

Este é o retrato atual do Brasil.

Esta é a perspectiva do desenvolvimento para um futuro mais humano e real.

É realmente uma verdade necessária: "grande é o nosso solo, e maior a necessidade de sua gente".

No tocante à chamada troca, dupla-troca, ou comércio, o quadro é realmente singelo.

O hemisfério norte americano, europeu e oriental branco, nos demonstra que o comércio significa alto índice de produção, venda incrementada, lucro pequeno por transação, igual e grande volume quantitativo de proveito.

Para nós, os chamados latino-americanos, apenas interessa o alto lucro.

A demonstração fácil, vem nos provar esta observação de forma loquaz.

O industrial coloca nas mãos do intermediário, o seu produto manufaturado, por um preço que, ao chegar às mãos do consumidor atinge uma majoração de até mil por cento.

O exemplo mais gritante é o dos gêneros de primeira necessidade, que saem dos municípios produtores por um preço irrisório, chegando aos centros consumidores por um preço que impede uma alimentação humana.

Tôdas essas observações servem apenas para irritar qualquer leitor, embora as intenções dos que escrevem visam apenas despertar atenções para um plano comercial financeiro de equilibria e de idoneidade.

Se o homem público vai armado ao senado e dispara em plenário, provocando mesmo morte, resta ao homem bem intencionado dar ao Brasil o que ele deseja à sua família, o bem condigno de ser civilizado, do ser dotado de raciocínio, do chamado humano.

Seriam ações populares em prol de uma vida melhor entre os bem intencionados, seriam as armas de bem, de um conviver pacífico, por iniciativa própria independentemente de diretrizes governamentais.

JAMIL NAMI CURY.

RUCH STATKÓW POLSKICH ODJAZD

M/S "Wypiański". Wyjście do Gdyni na początku lutego. Zawija do nast. portów brazylijskich: Santos, Rio de Janeiro, Salvador.

PRZYJAZD DO BRAZYLII:

M/S "Sienkiewicz". Zawija do Rio de Janeiro, a następnie do Santos na początku lutego.

M/S "Zeromski". Zawija do Salvadoru, Rio de Janeiro i Santos. Oczekiwany w Santos w pierwszej połowie lutego.

M/S "Hugo Kolltāj". Zawija do Rio de Janeiro i Santos. Oczekiwany w Santos w drugiej połowie lutego.



NA NASZYM PODWÓRKU—NA NASZYM PODWÓRKU

Ś. † P.

Modesta Kozicka z domu Rutkowska

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

SAO PAULO:

Dnia 18 grudnia ub. r. w salonach Klubu 44 odbyła się tradycyjna Gwiazdka dla dzieci polskich. Zjawili się w towarzystwie rodziców około 70 dzieci. Na program wieczoru złożyły się dwa filmy: jeden polski: "Baśń o diable Borucie" i drugi amerykański. Każde dziecko otrzymało od św. Mikołaja prezent. Rolę św. Mikołaja grał doskonale p. Witold Janin. Wieczór zakończył się podwieczorkiem, w którym apetyt dopisywał nie tylko dzieciom, lecz i ich rodzicom.

* * *

Tegoroczny wieczór sylwestrowy w Klubie 44 udał się nadspodziewanie. Pomimo pesymistycznych przewidywań organizatorów zjawili się ponad 200 osób, które bawiły się doskonale słuchając dowcipnej szopki p. Bożeny i Emila Baderów. Numery wokalne wykonały: pp. Janina Pfeferowa i Barbara Litmanowiczowa. Wiersz o przeżyciach pod-

lotka pt.: "Kociak Broto" deklamowała z powodzeniem p. Krystyna Litmanowiczówna, a p. Jerzy Piotrowski wypowiedział: "Pożegnanie starego roku" p. Mieczysława Grabowskiego.

Kuchnia klubowa popisała się doskonałą kolacją! Gospodarz restauracji p. Mariusz Szańkowski włożył w jej przygotowanie cały swój kunszt i doświadczenie. Zwracała uwagę gustowna dekoracja sali.

Goście tańczyli do białego rana pod dźwięki zespołu muzycznego pod kierunkiem m. estra Edwina Wienera.

* * *

W pierwszej połowie stycznia przybył do Brazylii sławny dramaturg i powieściopisarz polski Andrzej Wydrzyński, którego sztuki cieszyły się olbrzymim powodzeniem w NRF, Izraelu i Brazylii (w Rio de Janeiro). Znakomity gość odwiedził środowiska polonijne w Rio de Janeiro i w São Paulo.

Franciszek Socha - Paprocki

Dopiero dzisiaj, doszła mnie wiadomość o śmierci w kraju, Franciszka Sochy - Paprockiego, znanego dobrze kolonii polskiej w São Paulo.

Niezapomnianego Franka Paprockiego poznałem w Legionach. Służył w II Brygadzie. Dłuższy okres czasu spędziliśmy razem w Ostrowiu-Komorowie, gdzie był wykładowcą w szkole podoficerskiej. Kolegował tutaj z kpt. Tadeuszem Trapszo i por. Grottem Rowcekim późniejszym dowódcą Armii Krajowej. Znajdowałem się pod urokiem tej trójki, więcej artystów i marzycieli, aniżeli oficerów.

Podczas ostatniej wojny, drogi nasze ponownie się zeszyły. Mieszkaliśmy przeszło rok razem w Obozie Wojska Polskiego w Szkoci. Odkomenderowania nas rozdzieliły: Franek został oficerem oświatowym szpitala I Korpusu w Aberfeldy, mnie wysłano do Londynu.

Po wojnie, los go rzucił do Afryki Południowej. Spotkaliśmy się w Brazylii dokąd przybył z Afryki w towarzystwie krewnych.

Ś. p. F. Paprocki pochodził z niezamożnej rodziny Małopolskiej. Gimnazjum ukończył w Jarosławiu, studia uniwersyteckie odbył na Uniw. Jagiellońskim.

Po zakończeniu I-wojny światowej, przez długie lata był kierownikiem Referatu Wyznań w Min. Spraw Wewnętrznych. Dzięki jego cierpliwości, taktowi i sposobowi bycia, udało się ułożyć doskonałe stosunki pomiędzy rządem polskim a Cerkwią Prawosławną. Zyskiwał głęboki sentyment dla tej religii, wyznawanej przez wielką rzeszę obywateli polski międzywojennej — i starał się wszelkimi sposobami o ułożenie jak najlepszego współżycia.

Był nieporównywalnym gawędziarzem o zdumiewającej pamięci. Sypał datami, nazwiskami, tak jakby się nie rozstawał na chwilę z herbarzami i encyklopedją. Niestety, mimo zachęt ze strony przyjaciół, nie zdobył się na napisanie pamiętników. Przypominał swoją osobą innego Franciszka, a mianowicie znanego dobrze Warszawie na początku z.

stulecia Franca Fiszerę, którego niezwykła erudycja nie została przekazana potomności w — książce.

Podczas ostatniej wizyty u mnie, powiedział że jest zmęczony otaczającą go obcością że chce znaleźć na stare lata wytchnienie w Polsce, której obraz nie schodzi mu z oczów. Powiedział także, że pragnie spocząć na zawsze nie w "czerwonej" brazylijskiej ziemi, ale gdzieś na mazurskich piachach.

Znając stan jego zdrowia, starałem się go powstrzymać od dalszej wędrówki. Żaden argument nie mógł go przekonać. Widział przed sobą tylko — Polskę.

Mógł się nią nacieszyć zaledwie kilka dni. Ostatnim tchem, szeptał zapewne: "Brnąłem przez trzy kontynenty, i dotarłem do — celu. Będą nade mną szumiły drzewa "Starej Baśni"...

Te kilka słów, rzucam z oddali, na mogile prawdziwego przyjaciela.

Cześć Jego pamięci.
Pamięci człowieka prawego i — dobrego.
Henryk Przyborowski

Zgodnie z tradycją

Mimo wielkich trudności, wydawcy naszych pism emigracyjnych, starają się utrzymać przedwojenną tradycję, publikując ze specjalną pieczołowitością, numery świąteczne.

Tegoroczny numer gwiazdkowy "Wiadomości" londyńskich zwraca z dodatkiem "Na Antenie", liczy 28 str. druku i zawiera imponującą ilość 63 ilustracji.

Spśród wielu ciekawych, opowiadań i artykułów, wybijają się na pierwsze miejsce szkice Jana Bielatowicza p. t. "Złote Wrota", który jest wspomnieniem z pobytu Wojska Polskiego w Palestynie.

Redagowany przez Bolesława Świdzkiego tygodnik "Kronika", w 24 stronicowym numerze (32 ilustracje), poza bogatą i niezmiernie interesującą treścią, przynosi zapo-



Zmarła dnia 2 listopada 1963 r. w St. Wheening w wieku lat 65.

Ś. P. zmarła przyjechała do Stanów Zjednoczonych 50 lat temu i osiedliła się w St. Wheening. Pozostawiła pogrążonych w smutku: męża Teofila Kozickiego, synów Henryka i Aleksandra Baranowskich i Daniela Kozickiego, córki Helenę Gorczyccową i Zofię Gockstetler, dwóch braci w Polsce, siostrę Marię Muraszewską, zamieszkałą w Detroit w stanie Michigan oraz 11 wnuków.

Pogrzeb odbył się dnia 5 listopada 1963 r. z kościoła św. Władysława Króla. Mszę świętą celebrował ks. Tadeusz Grudalski. Zwłoki złożono na wieczny spoczynek na cmentarzu Mt. Cavabry.

wiedzi wydawnicze firmy B. Świdzkiego na rok 1964.

Dowiadujemy się z nich, że w tym roku ukażą się książki: Stefani Kossowskiej "Mieszkam w Londynie"; Leona Mitkiewicza "Na obczyźnie z gen. Sikorskim"; Henryka Przyborowskiego "Raport karny"; Mariana Romeyki "Wspomnienia o Wieniawie i rzymskich czasach"; Janiny Surynowej-Wyczółkowskiej "Grynga"; Tadeusza Machalskiego "Pod prąd"; Adama Pragiera "Czas przeszły dokonany"; Witolda Bałuskiego "Przyczynki historyczne 1939-1945"; Wacława Grzybowski "Byłem świadkiem"; Stanisława Lubodzieckiego "Wspomnienia Oficera Drugiej Grupy"; Józefa Jenne "Czarne poematy z dyliżansu".

Zapowiedzi powyższe zaopatrzyła Red. "Kroniki" w krótkie życiorysy i fotografie wszystkich autorów.

Znalazła się pomiędzy nimi, fotografia "Parańczyka" — z krwi i kości, znanego Czytelnikom "Reflektora" — Burka.

Jak widać w r. 1964 ukaże się wiele książek. Pytanie polega na tym wielu się znajduje chętnych do ich nabycia?

Miejmy nadzieję, że "nadzieja" nie zawsze jest "matką głupich" — autorów i wydawców...

**W POLSKIM DOMU
— POLSKA KSIĄŻKA**

FAWELE

Nasz rodak, p. Alfred Jurzykowski, ofiarował na modernizację "favel" w Rio de Janeiro 65 milionów kruzajrów.

Na miejscu walących się ransz i szałasów staną nowoczesne domki.

"Favele", znane na całym świecie jako symbol brazylijskiej nędzy, zaczęły zniknąć i niezadługo pozostaną tylko w pamięci starych.

Pisma brazylijskie podnoszą w słowach pięknych i wdzięcznych czyn naszego rodaka.

Sr. Dom Helder Câmara pisze: "W dniu, w którym tego rodzaju przykład będzie naśladowany przez innych, w dniu, w którym ludzie zapomną o egoizmie i sprawiedliwości zapanuje u nas, wraz z nią nadejdą dni pokoju nie wywalzonego słowem, ale realnym czynem."

Alfredowi Jurzykowskiemu Bóg pobłogosławił.

Dzięki zdolnościom organizacyjnym, wytrwałości pracy, uczciwości i zdolności przewidywania potrafił w krótkim czasie dojść do znacznej fortuny.

Miał szczęście.

Nie poszedł śladem innych. Postanowił tym szczęściem dzielić się z nieszczęśliwymi. Nie przekazał 65 milionów kruzajrów do banków szwajcarskich czy amerykańskich jak to robią tutejsi bogacze. Oddał je najbiedniejszym obywatelom kraju, który stał się jego drugą Ojczyzną.

A kraj ten, aby się podnieść z obecnego kryzysu, potrzebuje więcej takich ludzi.

Brazylia osiągnęła dziś drugie miejsce na świecie jeśli idzie o inflację. Bije ją — o bardzo mały procent — jedynie Indonezja. Zarobki robotnicze, w stosunku do kosztów utrzymania, są niższe nawet w porównaniu z krajami afrykańskimi. Ci, którzy stykają się bezpośrednio z robotnikami, zdają sobie sprawę że w zapadłych ranszach, walących się szałasach, gromadzi się coraz więcej — dynamitu.

Od całych miesięcy debatuje się o reformach. Od miesięcy obiecuje się głośniejszym bezrolnym przyznanie własnego kawałka ziemi. Mówi się o podwyższeniu zapomóg dla starych i inwalidów. Nie robi się — nic.

Do tego wszystkiego dołączają się klęski: pożary całych stanów, susza, brak podstawowych artykułów żywnościowych.

Klęski te nie wzruszają bogatych. Oni zawsze dadzą sobie radę.

W najgorszym razie jadą na "urlopy" do krajów obfitości. Mają tam rachunki w bankach. Włos im z głowy nie spadnie. Pytanie, czy nie spadnie im w dniu powrotu do własnego domu?

Czyn Alfreda Jurzykowskiego, to nie tylko poryw dobrego serca.

To jedyne i skuteczne wyjście naprzeciw niebezpieczeństwu.

Znając nieźle możnych tego świata, wyrażam przypuszczenie, że nie znajdzie on wielu naśladowców. Ogromna ich większość będzie czekała spokojnie do chwili, w której dostanie pałką w łeb.

Powinni już teraz przygotowywać swoje dzieci i wnuki do zawodu tancerki, taksówkarzy i kelnerów.

Przykłady bieżącego stulecia nic ich nie nauczyły.

Pisząc o "favelach", nasunęło mi się paradoksalne porównanie:

Polskie wysiłki kulturalne na emigracji, to nasza własna "favela".

Oto, spotykam dobrego znajomego.

— "Przegląd Polski" się podniósł... — mówi — "Dość ciekawych artykułów, dział literacki nieźle prowadzony, wiele informacji, ale... kto to czyta?"

Twórca "Londyńskiej Biblioteki Literackiej", borykający się mozołnie z wydaniem polskich książek, Bolesław Świderski, pisze: "Brazylia jest dla mnie najtrudniejszym terenem. Mimo silnej emigracji polskiej dotychczas miałem, same zawody".

Obawiam się, że p. Świderski ma rację. Polacy brazylijscy nie czytają.

Tak jak Brazylia osiągnęła drugie miejsce w inflacji, tak polska emigracja w Brazylii może się poszczycić pierwszym miejscem w kompletnym braku zainteresowania naszym wysiłkiem kulturalnym.

P. Alfred Jurzykowski nic na to nie pomoże.

Tylko dobra wola wszystkich, tylko okazanie przez ogół emigracji przywiązania do myśli polskiej może odnieść pożądany skutek.

Oby zamiast walącego się szałasów z gliny, z książek — cegiełek powstała nowa piękna budowla — Polskiego Słowa.

Przejdźmy ludzi, przejdźmy fortuny, pozostanie — książka. Chociażby ten czyn nie mierzył się milionami, chociażby ta książka daleką była od doskonałości.

H. PRZYBOROWSKI

POLSKO-AMERYKAŃSKA IZBA HANDLOWA

Otrzymaliśmy komunikat o utworzeniu na terenie stanów Zjednoczonych w Los Angeles w Kalifornii "POLSKO-PANAMERYKANSKIEJ IZBY HANDLOWEJ". Jak twierdzą organizatorzy placówka ta jest organizacją niezależną, apolityczną i niedochodową, której głównym celem jest umożliwienie i zwiększenie kontaktów handlowych i przemysłowych kolonii polskiej z kupcami i przemysłowcami Stanów Zjednoczonych, jak również pomoc osobom pragnącym reprezentować firmy Stanów Zjednoczonych. Izba pragnie rozszerzyć swą działalność na teren Ameryki Łacińskiej i zwraca się do wszystkich zainteresowanych z prośbą o skontaktowanie się pod adresem: Polish Panamerican Chamber of Commerce, P. O. Box 87 Whittier, California U. S. A. W liście należy podać: kwalifikacje, rodzaj wykonywanego zawodu, posiadanego przedsiębiorstwa handlowego lub przemysłowego itp. i powołać się na niniejszy komunikat, zamieszczony w PP.

Kupić prezent?
Pomyśl troszkę,
Tylko jeden:
POLSKĄ KSIĄŻKĘ



W pierwszą niedzielę po Św. Mikołaju w beskidzkiej wsi Istebnej pojawiają się przebierańcy. Przewodzą im "żołnierze", którzy wstępując do domów pyta, czy gospodarze pozwolą wejść "mikołajkom". Wśród przebierańców są "biali" i "czarni". "Biali": "biskupi", "ministranci", lajkoniki, niedźwiedzie — zachowują się z umiarem. Natomiast "czarni" straszliwie dokazują: smarują sadzą dziewczęta i dzieci, przedstawiają sprząty itp.

KRÓL ZA PULPITEM

Fryderyk IX, król Danii rozpoczyna swój dzień bardzo wcześnie: już o ósmej rano jest na nogach i stara się wszystkie urzędowe sprawy załatwić możliwie szybko aby poświęcić się następnie swojej wielkiej pasji — muzyce.

Można go spotkać często, kiedy stojąc za dyrygenckim pulpitem kieruje orkiestrą. Najczęściej jego muzycznym "podwładnym" jest zespół symfoniczny Radia Duńskiego, z którym najchętniej pracuje. Wielokrotnie również dyrygował orkiestrą, z którą występował wybitni soliści zapraszani przez króla do jego kraju.

Nawet wtedy, kiedy oficjalne obowiązki i uroczyste wizyty zagranicznych gości zmuszają go do pójścia do opery czy na koncert król Fryderyk wyciąga układkiem z kieszeni partyturę utworu aby z nią razem obserwować wykonanie. (S)

Wspomnienia z Polski. —

Wędrowki na emigracji.

Przygody w Brazylii.

Oto treść:

Zbioru opowiadań

Henryka Przyborowskiego

"RAPORT KARNY"

który ukaże się nakładem "Londyńskiej Biblioteki Literackiej"

BOLESŁAWA ŚWIDERSKIEGO

jako tom XXXVI.

Książka będzie liczyć około 300 stron druku. Cena w przedpłacie £ 1.6.4. lub \$ 3.0.0.

Przedpłatę przyjmują w Brazylii:

Red. Seweryn Hartman, — "Przegląd Polski" Caixa Postal 4530 — São Paulo.

Feliks Rokicki, — Rua Rep. do Peru 305, ap. 18 — Rio de Janeiro
Janusz Orciuch — Móveis Cimo Caixa Postal 13, Curitiba, Paraná.



Scena z nowego filmu polskiego: "Yokmok". Na zdjęciu: Beata Tyszkiewicz i Emil Karewicz.



Statek na malowniczej trasie Wielkich Jezior na Mazurach.



Harcerze z Katowic (30 chłopców i 10 dziewcząt) odbyli jachtem szkoleniowym "Zawisza Czarny" rejs po Morzu Północnym.



Scena z filmu: "Jadą goście, jadą". Główną rolę w tym filmie grał aktor amerykański polskiego pochodzenia, Mitchell Kowal, którego widzimy na zdjęciu w drugim rzędzie w kapeluszu góralskim.

RELOGIOS MIRVAINE

ANDRÉ DE BAC
FERO
ROSKOPF LEGITIMO



SIGAND
F. E. ROSKOPF
PATENT

MIRVAINE IMPORTAÇÃO LTDA.

RUA CONS. CRISPINIANO, 379, — 7.º and. — Conj. 701

TEL.: 35-3846

SÃO PAULO

Tricot-lã

sweater
original

